

PN

6110

.C5

N64

1960



Digitized by the Internet Archive
in 2014

Noite Santa



Antologia de Poemas de Natal



JAMIL ALMANSUR HADDAD

NOITE SANTA

Faltava na bibliografia brasileira uma antologia que ao mesmo tempo que enfeixasse as mais belas poesias em tórno da data máxima da Cristandade estivesse coroada ainda do cunho de união necessariamente requerido pelo tema.

Reúnem-se nesta coletânea alguns dos mais notáveis poemas que a literatura universal inspirou no caso. É a presença caleidoscópica de poetas, não só brasileiros como de toda a humanidade cristã, que deve ser ressaltada como um mérito dêsse trabalho.

Incumbiu-se da tarefa Jamil Almansur Haddad, com suas credenciais de poeta e crítico, como ainda especificamente de antologista, com larga experiência na realização de obras desta natureza. Acrescentem-se ainda as suas qualidades notórias de tradutor, comprovadas nas versões para o nosso idioma de várias obras-primas da poesia universal, circunstância esta de relêvo, pois que Jamil Almansur Haddad incumbiu-se ainda da tradução de todos os poemas estrangeiros incluídos.

É por todos êsses motivos que entendemos haver apresentado para as comemorações de Natal, como ainda com valor permanente, um livro que, para o fim a que se destina, pode ser considerado definitivo.

Capa: Ícaro Alves

Impressão e Revisão:

EDITORA OUGARIT S/A.

Rua Basílio da Cunha, 1097 - S. Paulo



EDIÇÕES AUTORES REUNIDOS

apresentam

o I volume

da

Coleção "POESIA"



OBRAS DO AUTOR

POESIA

- ALKAMAR, A MINHA AMANTE — Livraria Editôra Record — 1935.
ORAÇÕES NEGRAS — Livraria Editôra Record — 1939.
POEMAS — (Orações Roxas — Novas Orações Negras — Orações Vermelhas) — Edições Cultura — 1944.
PRIMAVERA NA FLANDRES — A Bôlsa do Livro — 1944.
A LUA DO REMORSO — Livraria Martins — 1951.
ROMANCEIRO CUBANO — Brasiliense — 1960.

TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES

- OMAR KHAYYAM — Rubaiyat — Civilização Brasileira — 1956.
CÂNTICO DOS CÂNTICOS — Saraiva — 1950.
PETRARCA — O Cancioneiro — Livraria José Olímpio — 1952.
ODES ANACREÔNTICAS — Livraria José Olímpio — 1952.
FERDINAND WOLFF — O Brasil! Literário — Cia. Editôra Nacional — 1955.
BAUDELAIRE — Flôres do Mal — Difusão Européia do Livro — 1958.
BOCCACCIO — Seleção do «Decameron» — Cultrix — 1959.
VERLAINE — Seleção de Poemas — Difusão Européia do Livro — (No prelo).

ANTOLOGIAS

- HISTÓRIA POÉTICA DO BRASIL — Editorial Letras Brasileiras — 1945.
O AMOR NO PENSAMENTO HUMANO — Flama — 1947.
OBRAS-PRIMAS DA POESIA RELIGIOSA BRASILEIRA — Livraria Martins — 1954.

ENSAIOS

- INTRODUÇÃO AS POESIAS DE GONÇALVES DIAS — Cultura — 1942.
INTRODUÇÃO A «TEMPO» DE GUILHERME DE ALMEIDA — Flama — 1944.
ESSÊNCIA E FORMA DO SIMBOLISMO — in «Revista do Arquivo Municipal» — 1945.
A POÉTICA DE MÁRIO DE ANDRADE — in «Revista do Arquivo Municipal» — 1946.
INTRODUÇÃO A «SANGUE LIMPO» DE PAULO EIRÓ — in «Revista do Arquivo Municipal» — 1948.
INTRODUÇÃO A «MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS» DE MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA — Cia. Melhoramentos, s. d.
REVISÃO DE CASTRO ALVES — 3 vols. Saraiva — 1953.
IL PROBLEMA DELL'INFLUENZA STRANIERA NEL ROMANTI-

CISMO BRASILEIRO — in *Letterature Moderne* — Milão — 1954.

ALVARES DE AZEVEDO, A MAÇONARIA E A DANÇA — Conselho Estadual de Cultura — (No prelo).

TESES

O ROMANTISMO BRASILEIRO E AS SOCIEDADES SECRETAS DO TEMPO — Tese de Concurso — Edição fora do comércio — 1945 (tradução castelhana in «*Revista de la Universidad de Buenos Aires*» — 1949).

AXIOLOGIA E CRÍTICA LITERÁRIA — in «*Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofia*» — Mendoza — 1949.

A ILUSTRAÇÃO NO BRASIL — in «*Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia*» — 1950.

L'OHMME BAROQUE BRÉSILIEU — in «*Actas do XI ème Congrès International de Philosophie* — Bruxelas — 1953.

A DIALÉTICA DE VIEIRA — in *Actas do Congresso Internacional de Filosofia*» — de 1954 — São Paulo — 1956.

MATIAS AIRES — FILÓSOFO BARROCO DO BRASIL — Apresentada no Sexto Congresso Interamericano de Filosofia, realizado em Buenos Aires — in «*Revista Brasileira de Filosofia*» — 1959.

EDIÇÕES CRÍTICAS

MEMÓRIAS DA RUA DO OUVIDOR — DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO — Cia. Editôra Nacional — 1952.

VIEIRA — SELEÇÃO DOS SERMÕES — Cia. Editôra Nacional — 1957.

CASTRO ALVES — POESIAS COMPLETAS — Cia. Editôra Nacional — 1959.

NOITE SANTA

*Antologia de
poemas de Natal*

Seleção, Tradução e Notas de
JAMIL ALMANSUR HADDAD

1960
Edições AUTORES REUNIDOS Limitada
SÃO PAULO

ESTA Antologia, apesar do título, não é tão restritiva como êle indica, o que daria um clima de monotonia ao texto. Cronologicamente, é Natal mas também é Anunciação, Advento e Reis — uma reprodução transfiguradamente poética do Novo Testamento. E fora disso, alguns cantos que se impunham dentro da atmosfera da compilação.

De qualquer maneira, o que se visou (pôsto de lado a evidência óbvia de não colidir com a nossa anterior “Obras-Primas da Poesia Religiosa”) foi evitar nestes poemas sôbre Cristo a atmosfera sanguinosa. Para Natal, um livro que não fôsse triste. Em vez da Cruz, a Mangedoura.

O material de poesia de língua portuguesa, afigurou-se-nos pequeno para o trabalho. Daí a nossa escolha num plano universal — o que aumenta a universalidade, a catolicidade do livro. Estão aqui, espécimes de poesia brasileira, portuguesa, argentina, chilena, peruana, mexicana, nicaraguense, canadense, francesa, inglêsa, norte-americana, alemã, italiana, espanhola, sueca, russa... Do ponto de vista literário, apraz-nos revelar pela primeira vez, em nossa língua (salvo melhor juízo) poetas de alto mérito como: Joaquín Pasos Arguelo, Pascal Bonetti, Saint Georges Bouhélier, Luc Decaunes, Jeanne L'Archevêque Duguay, Alfonso Gatto, Manuel Lago Gonzalez, Andréa Gryphius, Hjalmar Gullberg, Anne Hébert, Nicolas Bernard de Javerzac, Carlos de Lezerme, Alonso de Ledesma, Juan Ramon Molina, Fray Ambrosio Montesino, Francisco de Ocaña, Luiz Rosalez, Cesar Gonzales Ruano, Alberico Sala, Josef de Valdivielso, Maximilian Alexandrovitch Volochine...

Amadeu Amaral

Nascido em São Paulo, em 1875, onde morreu em 1929. Poeta, novelista, folclorista, ensaísta, jornalista, tendo tido incursões na política, havendo militado no Partido Democrático.

Na sua obra de poesia, temos: *Urzes*, *Névoa*, *Espuma* e *Lâmpada Antiga*. Deixou trabalhos de folclore: *O Dialeto Caipira* e *A Poesia da Viola*. Autor ainda de uma novela, *A Pulseira de Ferro*, e de um livro de crônicas, o *Memorial de um Passageiro de Bondes*.

JESUS ENTRE AS CRIANÇAS

AMADEU AMARAL

JESUS repousa, sentado
sôbre a grossa raiz de uma figueira velha.
Como a árvore na luz do ocaso ensangüentado,
está quêdo e sombrio. Ao som leve da aragem,
seu esquecido olhar, onde se espelha
a dolência do sonho e da meditação,
vaga, sem nada ver, na sombra da folhagem,
sôbre a areia do chão.

Pedro, a um lado, contempla a face do Rabino.
Não fala; quer falar, mas não sabe que diga...
Receia interromper com uma palavra rude
o sereno esplendor do alto sonho divino,
como o vento a encrespar a calma de um açude.
Mas receia também que a tristeza e a fadiga
tomem o coração do Mestre, e o coração
do Mestre muito amado, ao jeito da figueira,
se dobre sôbre si, e em soluços estale,
cheio da própria sombra, a pender para o chão.

É pois, com uma alegria prazenteira
que vê, além, no côncavo do vale,
vir uma ronda extensa de crianças,
como flórea guirlanda desnastrada,
pondo na asa do vento ansiosa e rouca
o estrépito jovial dos cantos e das danças.
Faz menção de chamá-las; mas recua.
Olha para Jesus, que não vê nada,
e, carrancudo, leva o dedo à bôca,
onde um resto de riso ainda flutua.

Mas o Rabino desperta
 dessa meditação longa e soturna,
 e um clarão de alegria o rosto lhe ilumina,
 como um raio de sol bate o cêrro nevoento
 ainda banhado da algidez noturna.
 Fala, acena, sorri, com a alma tão descoberta,
 com a voz tão meiga, tão cristalina,
 tão infantil no acento da ternura,
 que o álaçre bando pára, hesitante, um momento,
 avizinha-se enfim do estrangeiro que o chama
 e cujo aspecto já não assombra;
 procura a mão serena que o procura,
 mão de que o afago se derrama,
 como de um galho se desprende a sombra.

Jesus a todos fala com desvelos,
 envolve-os numa nuvem de carinhos.
 A êste prende-lhe as mãos nas suas mãos; estreita
 aquêle sob um braço, outro sob outro braço;
 alisa-lhes os cabelos,
 como quem amimasse passarinhos.
 E o seu sorriso boim suaviza o espaço. . .
 Mas há nessa efusão de ternura perfeita,
 — sombra que as rugas da água fazem na água, —
 algo de um inefável desconfôrto,
 de uma secreta mágoa.

Por fim, Jesus, de novo meio absorto,
 pegando as mãos de um pequenito louro,
 cuja cabeça brilha, cujos olhos
 brilham como cisternas de água clara,
 depõe-lhe um beijo na madeixa de ouro. . .
 É como se tomasse uma flor entre molhos
 de flôres raras, como a flor mais rara
 que tenha visto.

Jesus larga, porém, o infante que se esquiva.
 Levando a mão à face,
 volta à postura primitiva,
 curvado para o chão, o olhar todo encoberto.

Pedro não se contém: — Mestre, aquela criança...

— Pedro, torna Jesus, como num livro aberto,
li todo o seu futuro.

— Um futuro de paz e bem-aventurança?... .

(Jesus Cristo sorri melancòlicamente.)

Dize-me então, senhor, eu te conjuro:

será um anjo, talvez, que nasce entre êste povo?

Que grandeza reserva o céu a êste inocente?

Será profeta? Será rei?... .

— Será ladrão...

diz o Rabino, o olhar mergulhando de novo
na sombra que se alonga e que oscila no chão.



José de Anchieta

Nasceu na Ilha Tenerife (S. Cristóvão da Laguna) em 1534; morreu na aldeia de Beritigiba em 1597. A grandeza de Anchieta reside na sua atuação inextinguível de missionário, arrebanhando para a fé de Cristo os selvagens do Brasil. É à luz dessa missão de catequese que a sua atividade literária deve ser considerada. O escrever para Anchieta não constituía finalidade em si, mas meio útil à realização de seu apostolado. Com êsse fim compunha autos edificantes que, representados para a índia grosseira, procuravam incutir nela a religião cristã. Compôs algumas poesias esparsas, assim como um poema mais alentado em latim à Virgem Maria. Diz Celso Vieira: «Anchieta retoma e desenvolve nos sonoros dísticos, em que êle glorifica Nossa Senhora, o lirismo dos monges-poetas, cuja inspiração medieval desfolhou tantas açucenas aos pés de Maria ou lhe ergueu a imagem sôbre os arrebóis, com a doçura da **Ave, preclara maris stella**, a **Alma Redemptoris** ou a **Salve Regina**, os louvores de S. Bernardo e as preces de S. Hildegarda, o hinário de Anselmo, arcebispo de Canterbury, as estrofes musicais de Adam Saint Victor ou a **Ave-Mundi spes**, do Papa Inocêncio II. Êle continua o ciclo anônimo da Virgem, renovando metáforas, símbolos, antíteses, a própria composição artificial dos hinos alfabéticos, deleite e requinte de Sedulius». Deixou ainda uma **Arte de Língua mais usada na costa do Brasil** e uma correspondência numerosa, rica de informações sôbre os primórdios da terra há pouco descoberta.

NATIVIDADE DE JESUS

PE. JOSÉ DE ANCHIETA

A Noite Santa

FINALMENTE, ó Mãe Santíssima,
desceita a grande meada dos séculos,
soou a hora feliz do teu parto,
hora por ti suspirada com todos os frêmitos do peito:
noite sagrada,
a única mais clara do que o dia!
Ó noite, mais formosa que os dias todos juntos:
noite iluminada
pela glória de tão prodigioso nascimento!
Noite em que fulguram
os olhos brilhantes da luz verdadeira,
mais cintilante que o disco solar!
Noite que desbarata a treva horrenda
e restitui a verdadeira côr ao universo!
Desponta Deus enfaixado em corpo débil de criança,
depois de fechado nove meses
no cofre de uma Virgem.
Ó Virgem venturosa!
que júbilos te harpejaram pelas fibras do coração
no silêncio daquela noite!
quando ante os teus olhos apareceu no chão
o pequenino infante
jorrado dos lábios do Pai antes que a Estrêla d'Alva.
Saiu de teu seio, revestido de tua carne,
sem pisar sequer um ponto tua pureza.
Assim te prometera o cceste mensageiro,
quando temerosa te saudou
co'o jubiloso Ave!
Com esta condição te submeteste
ao plano divino
e não ficou frustrada a tua confiança.

O Senhor imediatamente entrou em teu seio,
 e a flor de tua candura nem sequer empalideceu.
 Agora êle igualmente sai do maternal sacrário
 sem roçar os cortinados do teu tálamo.
 Aos primeiros coroam os últimos mistérios
 e no silêncio do teu coração embalas
 o mais sincero gôzo.

Muito mais formosa te tornaste agora
 quando êle sem esforço nem rumor algum
 transpõe os cerrados claustros de tua virgindade.

Noite feliz e encantadora
 que fêz de teu rosto radiosa estrêla!
 A aurora, ainda que se tinja de côr virginal
 e os campos cubra de novos esplendores
 refulge ainda mais bela
 quando o sol nascente ergue do mar o seu semblante.
 Logo ao nascer da futura Mãe do Verbo,
 a aurora despontou e esvaiu-se a noite.
 Mas enquanto não pousou em teu seio virginal
 o Sol divino,

faltava ainda à tua luz o seu grande esplendor.
 Quando, porém, pousou, cresceu tua graça,
 tornou-se maior a tua luz
 com os fulgentes raios de um foco escondido.

Agora que Deus,
 a fonte do esplendor, nascido ao mundo
 difunde os raios de sua formosura,
 rebrilha por tôda a terra
 a tua claridade esplêndida de Mãe Virginal.

O Presépio

É delicioso percorrer com a mente
 tôdas as fases do nascimento,
 engolfar-se pelas ruas desta cidade de Deus.
 Admirar o solar que acolheu o Senhor,
 o palácio em que habitou o Cristo-Rei,
 a branda almofada em que repousou menino,
 as sagradas companheiras e servas da Mãe,
 os cantos e melodias

que acalentaram o Divino Infante. . .
 Nasce em Belém, abrigado em velha choupana:
 nu, a nua terra lhe acolhe o nascimento.
 Transforma-se em bêrço a manjedoura:
 de um lado um boi, de outro, um jumentinho.
 Silenciosamente, um venerando ancião
 embebe o olhar em seu rosto.
 Exulta a jovem Mãe,
 solta tenros vagidos a criancinha,
 rejubila o céu em melodias nunca ouvidas.
 E tu, ó minha alma, aí entorpecida!
 por que não visitas êsse palácio maravilhoso,
 êsse sagrado abrigo?
 Vamos, que não te expulsará do limiar duro porteiro,
 nem te fechará à face as portas.
 Não tem porta o casebre, pouso ótimo de brutos:
 os frios têm por ela franca entrada.
 Entrarás num tugúrio miserando
 de teto enfumaçado,
 numa cabana coberta de caniços.

A Expectação

Ao divisares a Mãe, a transbordar
 de divina majestade
 atenta no que faz, ao nascer sua Doçura.
 Permite-me, ó Virgem,
 recordar os mistérios da sagrada noite,
 os puríssimos gáudios do teu espírito,
 contemplar com os olhos da alma quanto fazes,
 sorver com avidez tudo o que dizes.
 Chega a hora do parto:
 a noite gélida emudece
 e já transpõe os altos píncaros do zênite.
 Por tôda parte o sono vai libertando
 os membros cansados:
 na terra só brilha a lâmpada do teu olhar.
 Resolves há muito os sublimes mistérios
 e almejas contemplar as belas faces do teu Menino.
 Preparas os delicados braços
 que hão de estreitar seu corpo,

e o regaço que há de aquestrar-lhe os frios membros.
 Anseias libar mil ósculos na rosa de sua bôca
 e estampar teus lábios quentes nesse rostinho cândido.
 Já comprimes docemente com o dedo
 os peitos transbordantes,
 que os tenros lábios de teu Filhinho hão de sugar.
 Já clamas com voz humilde
 pelo Pai de infinita majestade,
 já abrandando a voz,
 chama docemente pelo Filho:

A Oração Extasiada

«Eis aproxima-se a hora feliz do nascimento,
 ó glória, ó doçura, ó Deus,
 anseio do meu coração!
 Agora virá teu Filho à luz do mundo
 e, com os andrajos de nossa carne, tocará
 a terra nua.
 Exato é tudo quanto do céu me trouxe
 o teu alado mensageiro:
 suas palavras não iludiram minha fé.
 Obedeci, concebi o Verbo em meu seio
 e descansei segura na minha virgindade.
 Pai celeste, vela por minha integridade
 agora no meu parto:
 Seja suave e seja immaculado!
 Eu a ti, Filho querido, hei de enfeixar-te de abraços?
 Eu a ti, ao seio materno, hei de apertar-te
 com ternura?
 A ti, belo filhinho, te hei de amamentar
 a meus peitos?
 De mistura com o níveo leite hás de ganhar
 ósculos ternos?
 Nasce já, ó Deus Supremo, para ser meu paraíso!
 Vem com teus labiozitos dar-me um beijo celeste!»
 Enquanto assim expandes a chama do divino amor
 E esperas ver nascido o teu penhor,
 Vestido de carne humana, nasce o Verbo,
 e tua virgindade permanece intacta.

A Hora Feliz

E como o verde caule produz a flor nitênte,
 sem que cla, ao rebentar, lhe machuque o verdor!
 Como o sol passa o cristal com seus fios de luz
 e sem danificá-lo
 atira e retira os seus raios:
 O príncipe do céu sai por essa porta de aurora,
 sem se abrir um batente,
 sem se rasgar um sêlo.
 Do tálamo augusto sai o espôso imaculado,
 levando o anel de eterno amor à nova espôsa.
 Que gôzo te não invade agora o casto peito;
 que alegria, ó boa mãe
 não te embala a alma!
 Que nova luz te não inunda os olhos,
 presos no nascimento do teu Deus!
 Que fazes agora ao menino reclinado
 na dura terra,
 alfinetado pelo rijo frio do inverno?
 Ergues-te e com o rosto banhado de fulgor celeste,
 cais de joelhos a seus pés.
 Assim ajoelhada, curvando o rosto até a terra,
 adoras primeiro a divindade,
 para logo despenhar-te em doces abraços.
 Bebes àvidamente o mel do amor
 do teu divino Infante
 e das fibras do coração arrancas esta harmonia:

Oração da Mãe ao Filho Recém-Nascido
 Grandeza e Pequenez

«Ó Deus onipotente,
 a quem a ingente máquina do mundo
 proclama seu Senhor e Autor,
 Cuja Glória imensa gera em si
 fulgor inigualável,
 que te vestes da luz como de manto natural:
 A ti que os céus conter não podem
 em tua extensa nave

fechou-te o estreito cofre de meu seio!
 Tenro menino, deixaste o meu sacrário,
 e jazes, ó minha luz, no chão escuro!

Não foi tua mão possante,
 que arrancou do nada o universo?
 Não é a ti que serve de pólo a pólo a terra?
 Por que escolhes para nascer tão vil morada?
 Por que não é teu nascimento em câmara real?

Tu vestes o céu de estrêlas
 e os animais de variadas peles
 os campos de gramados verdes:
 E tu, nu a vagir e a tremer no duro chão...
 a espremer-te lágrimas das tenras pálpebras
 o despiedado inverno?

Ó meu Filho, glória do céu, igual ao Pai celeste,
 que nasceste tão belo do meu seio!

Ó minha felicidade, que dor atroz me punge
 as entranhas de Mãe,
 ao ver-te em tais tormentos!

Como te erguerei da fria terra, Filho?
 Como tocarei com minhas mãos teus membros santos?
 Ai! que me aterra a indignidade,
 e tua glória,

filho único de Deus me impede de tocar-te.

Mas, se assim deixar que o frio te açoite,
 que a terra te machuque a carne tenra,
 maior seria a despiedade do meu peito
 que a do frio,

mais dura a dureza do meu seio
 que a da mesma pedra!

Transportes de Mãe

Tocarei, pois, Filho amabilíssimo, tua carne,
 que eu sòzinha tirei da minha carne virgem.
 Satisfarei meus íntimos afetos
 aqueitando o teu corpo
 e gozarei da chama que me devora o peito.

Em redor do teu berço estarei sempre
 para prestar-te serviços
 quantos adivinha um coração de mãe.
 Vem, pois, filho meu fornosio
 (isto dizendo, o ergues,
 envolves em mantilhas e o amamentas ao peito).
 Vem, ó minha luz e minha glória!
 Não recuses os braços extremosos de tua mãe!
 Com êstes paninhos, ó autor e dominador do mundo,
 cobrirei os teus mimosos membros.
 Que a tua duríssima penúria enriqueça
 nossa miséria,
 cumulando de graças corações mendigos!
 Tu ao homem dás vida,
 pasto aos animais, cibato às aves
 e até aos vermezinhos se estende a tua mão.
 Tuas migalhas saciam os príncipes do céu
 e todo o universo come de tua mão.
 E agora te atormentam
 a impiedosa fome e sêde ardente:
 é tão escasso o sustento que meus peitos te dão!
 Eia, belo Infante,
 esgota êste meu peito que transborda:
 sorve, filho, o leite de tua mãe!
 Prenda de teu Pai, jorra do peito
 para matar a sêde, que te abrasa os lábios.
 Não peças outra coisa: isto te basta:
 já que me fizeste tua mãe,
 e meu filho ser quiscste.
 A chama do teu amor derrete-me as entranhas
 e um frêmito ardente me penetra os ossos,
 ao contemplar-te, Autor da vida,
 de lábiozinhos presos ao meu peito
 a sugar o teu sustento humilde.
 Eis que no leito de meu braços eu te sustento,
 Homem-Deus, glória dos altos céus!
 Eu tua Mãe a ti meu filho,
 eu tua filha a ti meu Pai
 eu tua escrava a ti, ó meu Senhor! . . .

Ó formoso menino, Deus do meu coração inteiro!
de minha vida, vida venturosa e doce amor!

Mãe sôbre tôdas feliz e escolhida
dentre tantas mil

para conceber êste penhor imenso.

O teu nascimento é o cúmulo imenso da alegria:
e a grandeza de minha glória apenas tem limites.

Dando-te à luz, meu Deus,
ao níveo resplendor da virgindade
veio ajuntar-se a glória da maternidade.

Mãe de um Pobrezinho

Mas, ao ver-te, Senhor, nesta choupana,
atormentado de frio e de pobreza
abandonado, pobre, nu, falto de tudo,
a custo tendo achado êste cantinho:

Ó doce Filho, as lágrimas não cabem nos meus olhos...

(e nisso largo pranto te inunda as faces belas)

Que leito régio acolherá tua majestade?

Onde o aconchêgo confortável de um aposento?

Aqui não resplandecem colchas em púrpura tingidas,

nem pendem sêdas de ouro recamadas,

nem há brandos colchões de quentes lãs,

em que te possa reclinar tua pobre mãe.

As aves têm seus ninhos,

suas tocas têm seguras as rapôsas,

para abrigar a si e a seus filhotes.

E tu, Senhor dos céus, Pai do universo,

não tens onde pousar a fronte augusta.

Oh! pudesse repousar suavemente

nos maternos braços

e dormir brandamente em meu regaço!

Mas, tu só anseias dores e asperezas:

molezas, nos palácios dos reis é que se aninham.

Queres que te façam o berço da estreita manjedoura,

que seja tua enxêrga um punhado de palhas.

Repousa, pois, aí ao bafo de animais:

que doce sono o teu sôbre estas palhas!

Enquanto o suave sono te afagar
 os tenros olhinhos,
 meus peitos se encherão de tua doce neve.
 Meu seio virginal aguarda, belo Infante,
 para matar-te a sêde e saciar-te a fome
 Dorme, Jesus,
 meu doce amante e doce amado,
 ó rosto, paraíso dos meus olhos!»

Glória e Paz

Assim ninas, mãe venturosa, o teu filhinho:
 apenas cabe n'alma o gôzo, que te invade.
 Teu pequenino, tua glória descansa sôbre o feno,
 e tu, ao seu lado,
 refletes sua luz celestial.
 A multidão dos anjos canta vitoriosa
 e celebra o Natal de seu Senhor.
 Redobram os louvores sem cessar
 e uma voz cristalina se destaca:
 «Honra, glória e louvor a Deus, nos altos céus,
 e na terra, paz serena e jubilosa
 aos corações piedosos!»
 Rasgam-se as trevas, fulge a noite em resplendores,
 e desponta o dia, ao nascer do verdadeiro Sol.
 Os pastôres acorrem,
 adoram o recém-nado,
 que a voz do céu lhes anunciou, como a seu Deus.
 Diante disto teu coração transborda:
 tudo aumenta a tua glória,
 tudo o que dizem, no cofre do peito o entesouras.

Canto de um Pastorzinho

Também eu, se o permites,
 quero vergar ao chão meu corpo e alma,
 ante o presépio do Rei recém-nascido.
 Quero apresentar em pobre canto meus louvores
 ao tenro infante e a tí, ó Virgem Mãe.

Confiado me aproximo:
tu, Mãe, não terás dureza para me afastar,
nem teu filho olhos ameaçadores.

Mas quem poderá cantar
o que manou do seio do eterno Pai,
antes que fôssen séculos e mundos?

Calar é mais seguro:
o silêncio às vêzes é maior louvor de Deus!

A ti, portanto, Ó Mãe
o pobre servo teu te traz seus presentinhos,
se teu Filho o permite.

E por que não há de permitir quem te deu tudo,
quem deu a si próprio, fonte primeira de todo o bem?
Que peito abarcará a tua grandeza,
que lábios cantarão os dotes do teu corpo,
os dotes de tua alma?

Tão grande é o celeste brilho, que te escapa do coração,
que pasma de tua formosura o universo.

Maravilham-se as próprias legiões celestes,
de teres encerrado
o imenso Deus no casto seio.

(Armando Cardoso S. J.)



Murilo de Araújo
(Nascido em 1894)

Dêle disse Ronald de Carvalho: «Poeta modernista, que reúne à riqueza de uma técnica singular e a uma poesia nada trivial, ardente, viva e opulenta, uma estranha e imprevisível sensibilidade de cidadão, para quem o mundo deve ser uma obra de arte, um motivo de êxtase perene».

Publicou: *A Galeria*, *Carrilhões*, *Árias de Muito Longe*, *A Iluminação da Vida*, *As Sete Côres do Céu*, *A Estrêla Azul* e *A Escadaria Acesa*.

NATAL DO IRMÃO JOSÉ

MURILO DE ARAÚJO

ERA noite
e Natal.

Anchieta estava só.
Em Jurujuba
trançava a chuva um fino mineral.

Um céu de febre. O temporal gemia,
chorava o mar a desgrenhar a juba...

Mas para o irmão Anchieta era dia,
era dia —
um dia celestial.

Só e feliz, murmurou: — vou armar o presepe. —

Tomou de um Deus Menino (ali a única imagem),
avançou pela sombra de crepe
em pés nus,
e, sob uma lapinha entre a chuva selvagem,
deitou piedosamente o Menino Jesus.

Depois silencioso, em plena tempestade,
se ajoellhou na sobre-humana adoração.
Quando, instantes depois, ergueu a fronte,
o luar lantejoulava o mar em claridade,
e as estrêlas de aljôfre enfeitavam o horizonte.
Um milagre talvez da singela oração!

Um boi, um jumentinho adolescente
 e carneiros de lã enovelada
 olhavam para a lapa enternecidamente;
 a flor-de-noite ornava a loca ainda molhada
 em trancelins de fiôres;
 alguns índios talvez pela encosta molhada
 desciam docemente ao jeito dos pastôres;
 sôbre a gruta silvestre entre albores no céu
 uma auréola fulgia,
 e os anjinhos formavam na teoria
 glória in excelsis Deo

Voltou-se o frade humilde e num clarão de aurora
 viu junto do Menino um vulto constelado. . .

Era Nossa Senhora!

E Anchieta, que tremia deslumbrado,
 só estranhou que o espôso de Maria
 não mostrasse também o vulto iluminado
 junto ao bêrço da Fé.

Então surgiu-lhe às mãos um ramo de açucena. . .
 E a Virgem, que sorria,
 respondeu-lhe com voz compassiva e serena:
 — A imagem do Patriarca és tu, irmão José.



Joaquin Pasos Arguelo

Poeta nicaraguense, nascido em 1904. Considerado pela crítica de seu país, poeta de vanguarda pela oposição que o caracteriza à poética de Ruben Dario, e que, pelo menos nas gerações anteriores ao nosso poeta, exerceu profunda influência. Incluído no «Índice de la Poesia Centro Americana» de Rafael Heliodoro Valle e na antologia «Nicarágua Lírica» de Augusto Oviedo Reyes.

PEQUENO CANTO DA PARTURIENTE

JOAQUIN PASOS ARGUELO

TAL qual a Virgem do Carmo
vais parir
sôbre uma cama de nardos.

Pois em meio da montanha
vais parir
amanhã pela manhã.

Quando o sol está nascendo,
o céu está carmesim,
estás tingida de sangue,
vais parir.

Nardos tingidos em sangue,
vais parir
sangue tingido de nardos.

Tal qual a Virgem do Carmo
vais parir
um menininho moreno.

Em tórno de tua cama,
baila todo nindiri,
baila em teu ventre o menino,
vais parir.

Sôbre uma cama de nardos,
vais parir
tal qual a Virgem do Carmo.

Machado de Assis

(1839-1909)

O primeiro escritor brasileiro, a sua poesia não possui contudo a excelência da prosa. É possível que algumas das características definidoras do estilo de Machado: a contenção, a *secura*, o ceticismo, em certas condições, até mesmo a ironia, correspondam a atributos em largas escalas antipoéticas. Contudo, neste poeta que nos legou «Crisálidas», «Falenas», «Americanas» e «Ocidentais», alguns poemas existem dignos, sem favor nenhum, das páginas das antologias.

SONÊTO DE NATAL

MACHADO DE ASSIS

UM homem — era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço de Nazareno, —
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite amiga,
Noite cristã, berço de Nazareno.

Escolheu o sonêto... A fôlha branca
Pede-lhe a inspiração, mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu êste pequeno verso:
«Mudaria o Natal ou mudei eu?»

Carlos Magalhães de Azeredo

(Nasceu em 1872)

Tristão de Ataíde afirmou de uma feita que êsse poeta «sempre oscilou entre a Roma dos Césares e a Roma dos Papas». Êle sabe em seus versos conciliar o espírito do Cristianismo com moldes clássicos da expressão. O citado crítico define-lhe a arte: «Versos sem paixão nem movimento. De uma sonoridade monótona. Intelectualizados. Fixados. Claros demais para comoverem a inteligência. Secos demais para arrastarem o sentimento. Mas revelando como sempre, uma grande alma nobre, pura, superior, escondendo uma sensibilidade profunda que foge à publicidade, que se retrai, que se fecha cada vez mais num mundo de sobriedade e de recato».

Publicou: **Alma Primitiva, Baladas e Fantasias, Procelárias, Horas Sagradas, O Poema da Paz, Odes e Elegias, O Hino de Púrpura.**

MATER BEATA

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

IA alta a lua. As estrêlas esmaecidas
pareciam mais distantes, no imenso albor diluídas,

Já vazias de aroma as flôres, em tórno da casa pequena,
e nos vastos campos, bebia o orvalho da noite serena.

Entre pranchas e ferramentas, a um canto da carpintaria,
sôbre a fronte calva una réstia de luz, o bom José dormia.

Pois que era tão tarde, e Jesus não se recolhera,
Maria, trépidos os pulsos, as faces de um palor de cêra

(pensava sempre o futuro, inevitável desconfôrto
de assistir-lhe à agonia, e de tê-lo em seus joelhos morto).

Sáira a buscá-lo. E vendo-o plácido, ali, na luz clemente,
parou contemplando-o junto ao umbral todo esplendente.

Envolia a lua, místicamente, extasiada,
nos mesmos véus de incenso diáfano, o Redentor e a immaculada.

E Maria, em seu coração, dócil à vontade do Eterno,
mas de humanas fibras tecido, e em cada uma delas materno,

Suspirou — «Ainda esta noite, oh meu Senhor... oh! meu filhinho!
tu repousarás nesta casa, sob as asas de meu carinho!»

Antônio Rangel Bandeira

Nascido em Pernambuco, em 1917. Publicou: **Poesias** e **O Retrato Fantasma**. Pertence à geração de 45. Quanto à técnica de sua poesia, pode ser incluído quanto à segura transparente e clássica da expressão, pelo menos no seu primeiro livro, ao lado da tendência que um João Cabral de Melo Neto pode haver simbolizado. Também crítico de música e ensaísta.

N A T A L

ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA

VIDA que desperta na carne,
Natal, como te repetes!
Em tôdas as horas
De janeiro a dezembro
No berço que a vida recebe.
Testemunho da vida
Que não cessa nunca
Em sangue e pranto
Da natureza. Vida
Que nasce com vida,
Morte que sempre se anuncia,
Morte, às vêzes, que nasce.
Natal em outubro, em maio, em abril,
Natal em dezembro, com Cristo nascendo.
Natal dos mortos porque nasceram,
Natal dos vivos que morrerão.
Natal te chamo filha.
Grito a palavra
— NATAL! Um grande silêncio
Paralisa tôdas as fábricas.
A fábrica da vida dá seu fruto.

Joachim du Bellay

(1525-1560)

Francês. Cognominado o «Príncipe do sonêto». Em 1549, Du Bellay publicava o manifesto da «Pleyade», **La Deffence et Illustration de la Langue Française**, onde o grupo via expostos alguns dos seus fundamentais objetivos: ruptura com formas medievais, imitação dos antigos, reforma estrófica.

Bibliografia principal: **La Deffence et Illustration de la Langue Française**; **L'Olive et quelques autres oeuvres poétiques**; **Cinquante Sonnetz à la louange de l'Olive**; **L'Antérotique de la vieille et de la jeune Amye**; **Vers lyriques**; **Le premier Livre des Antiquitéz de Rome contenant une générale description de sa grandeur et comme une deploration de sa ruine**; **Plus un songe ou vision sur le mesme subject**; **Les Regrets, et autres oeuvres poétiques**; **Divers Jeux rustiques, et autres oeuvres poétiques**.

NO DIA DE NATAL

JOACHIM DU BELLAY

TERRA com céu e nós com a Deidade
Realizamos novos esponsais:
Deus se humaniza sem ferir jamais
O corpo que o gerou na virgindade.

Maria, o sacro ser à Divindade
Devolve após as dores virginais,
Porém nosso Senhor fêz hoje mais
Por adquirir a nossa humanidade.

Êle fêz mais, pois se do corpo humano
Sendo de vida e morte soberano,
Êle se fêz mortal só por nascer.
Revela assim a excelsa autoridade,
Seu nascimento mostra o seu poder
E nos informa de Sua Bondade.

Francisco Luiz Bernárdez

Poeta argentino contemporâneo. Entre os seus livros: «Orto», «Bajar», «Kindergarten», «Alcándora», «Cielo de la Tierra», «Poemas Elementales» e «Poemas de Carne y Hueso». Incluído em «La Moderna Poesía Lírica Rio Platense», de Álvaro Yunque e Humberto Zarrilli.

A C R I A N Ç A

FRANCISCO LUIZ BERNÁRDEZ

ESTA é apenas a noite das noites, é esta a noite prometida e esperada,
Esta é a noite em que enfim os céus se conciliam com a terra castigada.
A escuridão invade os olhos, a escuridão invade os corpos como as almas.
Porém o espírito divino vive nas sombras tal como ontem sôbre as águas.
A noite pesa muito menos que de costume e é mais profunda e mais humana
A terra está doendo menos, e ser feliz não custa nada ou quase nada.
A luz que nos chega dos céus não é luz da alva, embora pareça a da alva.
É uma estrêla incompreensível que alcandorada sôbre as outras se levanta.
É uma estrêla que palpita como um imenso coração envolto em chamas
E em cujo fogo se consomem os que a contemplam quando brilha e quando canta.

Canta a estrêla pelo espaço tal como o ardente rouxinol pela espessura.
Porém depressa silencia, e na profunda escuridão contempla e escuta.
Um raio mudo mas imenso a noite fere com seu gládio que fulgura,
E o firmamento desgarrado revela o abismo de inocência e de doçura.
Um mar de fogo inunda o ar, enquanto rompe uma tormenta de aleluias.

E todos os anjos do céu cantam em côro Glória a Deus pelas
alturas. . .

E os pastôres eis que se ajoelham, enceguedidos pela luz e pela
música.

Com as cabeças inclinadas ouvem tremendo o que o céu ora
figura.

E quando a música se apaga, volvem os olhos para a estrêla
vagabunda.

Quase perdida na distância, a estrêla está bem logo à entrada de
uma gruta.

Encaminhados pela estrêla, os homens chegam e descobrem o
prodígio

Pois na caverna iluminada pelo mistério está a Mãe com o
Menino.

Ela O contempla docemente com seu olhar de branca estrêla
matutina.

E Ele responde com o seu, que para o mundo é a do sol recém-
nascido.

Atrás do Menino e da Mãe pode-se ver a São José meio
escondido

E encastelado em seu silêncio, como um guerreiro num baluarte
de jacinto.

Aqui tiveram que alojar-se, porque nas casas de Belém não os
recebiam.

E os bois e o asno de Isaías, e de Habacuc os animais, todos
divinos.

Hoje se cumpriu a promessa e eis começado o soberano
sacrifício.

O Verbo eterno se fêz carne e numa gruta está desnudo e está
com frio.

Uma donzela mais formosa do que as demais já deu à luz
perpétua.

Porém seu corpo é sempre intacto como uma lâmpada que brilla
e não se altera.

A eternidade agora é história e esta começa neste instante a ser
eterna,

Nascendo em meio à humanidade, Deus equilibra a forma junto
com a Matéria.

Não é incêndio que deslumbra, e nem é treva que apavora ou voz
que aterra.

Hoje é um menino como todos pois nos infunde compaixão e
espera.

Esta é a árvore nascida para ensinar-nos a subir longe da terra.
Dará mais fruto que ao princípio e com mais fôrça na hora em que
as culpas puderem.

E por séculos perguntamos pela verdade e a virtude e a
beleza.

Deus escutou nossas perguntas e desta forma nos cedeu sua
certeza.

E todos os anjos do céu foram sumindo pouco a pouco pelo
espaço.

E só sobraram as estrêlas que são pegadas luminosas de seus
passos.

A noite volta ao seu silêncio, porém os homens não são mais
desamparados.

Porque em Belém há uma caverna, nela um Menino que chegou
para livrar-nos.

Junto ao Menino uma Donzela: trono do Rei, fonte do Sol, raiz
da árvore.

Ninho venturoso da Pomba, álveo de Deus, Carne do Verbo
soberano.

E num recanto da caverna sou testemunha sempre imóvel e
calada

Ao contemplar o que contemplo, eu me envergonho desta bôca e
destas mãos.

Entram sem fitar-me os pastôres, com oferendas de cordeiros e de
pássaros.

Porém Jesus estende o olhar e até o lugar em que eu estou estende
os braços.



Olavo Bilac

(1865-1918)

Um dos poetas fundamentais do parnasianismo brasileiro. O verso em Bilac é sòbriamente lapidado, apresentando-se com uma casticidade irrepreensível e alto sentido de perfeição. Lírico admirável, dêle diria Agripino Grieco: «Nos seus versos de amor há cristal e veludo, versos lúblicos em que há calor de febre. Espalhou música e côres no que escreveu. Seu livro é uma janela aberta para um lindo parque». As suas poesias abrangem: *Panóplias*, *Via-Láctea*, *Sarça de Fogo*, *Alma Inquieta*, *As Viagens*, *o Caçador de Esmeraldas* e *Tarde*.

N A T A L

OLAVO BILAC

NO êrmo agreste, da noite e do presepe um hino
De esperança pressaga enchia o céu, com o vento...
As árvores: «Serás sol e o orvalho!» o armento:
«Terás a glória!» E o luar: «Vencerás o destino!»

E o pão: «Darás o pão da terra e o pão divino!»
E a água: «Trarás alívio ao mártir e ao sedento!»
E a palha: «Dobrarás a cerviz do opulento!»
E o teto: «Elevarás do próbrio o pequenino.»

E os reis: «Rei, no teu reino, entrarás entre palmas!»
E os pastôres: «Pastor, chamarás os eleitos!»
E a estrêla: «Brilharás, como Deus, sôbre as almas!»

Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,
Tinha os olhos na terra em lágrimas desfeitos;
Sendo pobre, temia; e sendo mãe, chorava.

Pascal Bonnetti

Poeta francês, nascido em 1886. Entre os seus livros, «Les Orgueils», «La Chanson de France», «La Marche au Soleil», «Les Ailes», «Chant d'Exil».

NATAL DE EXÍLIO

PASCAL-BONNETTI

AH! Livre-me o Senhor da alegria no exílio!
Que eu não procure nunca em seus frutos proibidos,
Lembrar ou esquecer paraísos perdidos!

Esta noite, eu só penso em tua dor sem brilho,

França, e no Vencedor que profana o teu chão,
Que rouba o teu encanto e tua alma aniquila,
E mata as tuas mães e teus filhos fuzila
E no impudor que em jorros enche o teu coração.

Ah! é só em direção desta pátria que chora
Que eu volto os braços meus e vou rezando agora!
Sob silenciosos céus em que moram sem nome,

Auroras sem perigo e noites com encanto,
Eu privado de ti, morro de sede e fome,
Fome de tua angústia e sede de teu pranto.

Saint-Georges de Bouhélier

Poeta francês, nascido em 1876. Entre os seus livros «Eglé ou les Concerts Champêtres», «La Romance de l'Homme», «Choix de Poésies».

BALADA DO NATAL DESEJADO

SAINT-GEORGES DE BOUHÉLIER

PARA salvar-nos desta podridão,
Onde, inda antes da morte, cada um tomba,
Para nos retirar da amarga tumba
Aonde foi o peito e o corpo não,
Vem um Messias, Grande Natureza,
Possa dar-nos o Céu a alta certeza
De um novo Cristo! Canta em longas rimas
Ao longo do ribeiro transbordado,
Nos campos onde sangram as vindimas:
Cristo ao Natal haja ressuscitado!

Pelos caminhos plenos de imundície,
Na floresta, no pôrto, na planície,
Espero desde o berço até a morte
Que venha Êste que sem ter passaporte
E sem ter carruagem nem diadema,
Venha cumprir o que já se há prescrito,
Faça eclodir o lírio da marema,
E que amemos no céu o astro infinito,
Faça de nós um anjo, um ser alado!
Cristo ao Natal haja ressuscitado!

Sôbre esta terra, ai! nós, ao homem dura,
Cruel e que de amor jamais se nutre,
Anjo existiu e por investidura
De Deus. E Cristo gritava ao abutre:
Apara enfim a serra de tortura!
Mas eis que o homem pelo crime inundado,
Vive infeliz e nesta via estranha

Em que os demônios vão jogando o dado,
Pobres humanos que a dor sempre banha.
Cristo ao Natal haja ressuscitado!
Pai do Céu, dos arcanjos, dos carneiros
E dos peixes que os lagos têm povoado,
E da neve provinda dos nevoeiros,
Não será bem que o Ventre da mais pura,
Herói possa gerar sem ter mistura!
Cristo ao Natal haja ressuscitado!



Rupert Brooke

Poeta inglês, nascido em 1887 e morto na primeira guerra mundial, em 1915. Vida mais bela que a obra. Um crítico como B. Ifor Evans afirma: «Não viveu o suficiente para que a sua poesia pudesse atingir a maturidade». Obras: «Collected Poems» (1918) e «Complete Poems» (1933).

MARIA E GABRIEL

RUPERT BROOKE

ERRANDO em seu jardim de ouro, Maria
Sentiu quente esplendor aquêlê dia,
Vinha irrompendo da água e pôde ver
Pelo doirado ar do entardecer,
Alguém de joelho, o cabelo inflamado,
E por um áureo fio atrás atado
A revelar a face tão marmórea.
Não era de mortal aquela glória
Que se via na roupa a branquejar
Nem a parada luz de seu olhar
Indiferente. Êle era calmo e alado
No jardim. E parou Maria ao lado:
«Quem és, Senhor?»

E ouviu-se a sua voz
«Bendita entre as mulheres!» Logo após
Ela curvou a face ao que escutara,
Mensagem tão sagrada e muito clara
Que lhe fêz palpitar o coração;
O anjo lhe deu humana comoção.
Neve tornou-se o sôpro de Maria
No peito pôs as mãos. Mas não sabia
Que fôssem dela. E após tremor de morte,
Nela sentiu algum poder tão forte
Que tôda a contraiu. Olhos fechados.
No peito mil suspiros lacerados,
Cedeu temente, o ser feliz e cheio...
Quis falar. E sentia sob o seio
Que um imortal incêndio ardia e ardia,
E um soluço também; mas não sabia

Se era júbilo ou dor; teve a noção
 De que estranha crescia em solidão,
 Era possuída de males futuros
 E pensamentos claros como obscuros,
 Um pensamento humano e singular
 Divino, caro, horrível, familiar...
 Seu coração não fala! Ah, se dissesse
 O que o seu ser inteiro ora padece,
 Seu soluçar; seu chôro que sussurra,
 Que poderia assim obter a cura.
 A estremecer de lágrimas e riso
 Contemplou a Visão do paraíso.
 Ajoelhou imortal, parada e pôs-se
 A olhar aquela calma, azul e doce;
 Radiante e pulcra, amável e precisa.
 Os seus lírios morreram para a brisa.
 Pois ela que era uma mortal impura,
 Como iria sentir tanta ventura
 Que lhe enchia de sombra o coração,
 De êxtase humano e humana perdição,
 E os sussurros de seu pêso distante
 E que era seu seu ventre neste instante
 E sempre?

Ela baixou lassa a cabeça:
 «Assim seja.» O grande anjo de asa acesa
 Passou, vitória e fogo, a irradiar,
 Cantando, pôde erguer-se alto no ar,
 Todo firme e depois o seu clarão
 Manchava de ouro o céu; partiu então.

E ali tão só Maria e a solidão.



Cleómenes Campos

Poeta contemporâneo, nascido em 1895, mantém-se fiel aos cânones tradicionais da poesia. É autor de «De Mãos Postas», «Coração Encantado», «Humanidade», «Meu Livro de Amor» e «Sonata do Desencanto». Dono de lirismo fluente e musical, desfruta de grande popularidade.

NATAL DO MENINO POBRE

CLEÓMENES CAMPOS

A MÃE, sentada num caixão de pinho,
Canta, embalando a rêde devagar:
— «Dorme, meu anjo; dorme, meu anjinho;
São Nicolau não deve demorar».

O menino adormece de mansinho.
E um velho bom, de barbas côr de luar,
Surge-lhe, em sonho, no quintal vizinho,
Com carros de ouro para lhe ofertar . . .

Mas de manhã, quando se vê sòzinho,
Sem seus brinquedos, põe-se a soluçar.
E a mãe, em voz de chôro, com carinho:

— «A água, meu filho, corre para o mar;
Se tu nem tens sapatos, meu filhinho,
Como o santo de ti se vai lembrar?! . . .»

Carlos Pôrto Carrero

(1865-1932)

Pernambucano, publicou «As Crianças» (1883) e «Ritmo» (1893). Celebrizou-se por sua tradução do «Cirano de Bergerac», realmente à altura do original. Da obra de Edmond Rostand traduziu ainda «La Samaritaine» e «L'Aiglon».

N A T A L

CARLOS PORTO CARRERO

BRANCA Noite de Festa! Alvíssima inocência
Da minha terna infância e pura mocidade!
Deixa molhar-te o riso o pranto da existência
E juntar-se, ao teu hino, um treno de saudade.
Perdoa, noite santa! a voz, que te exaltava,
No hosana mavioso, áacre, excelso e forte,
Agora enrouquecida e, para sempre, escrava,
Não mais se elevará nas asas do transporte.

*
* *

Vejo-te inda brilhar no espelho da memória
Vejo-te o céu risonho e a vaporosa lua
Vestindo-te de luz a candidez marmórea
— Vêu de berço infantil que, trêmulo, flutua —

Abre-se, no teu seio, o firmamento a pino,
Chovem, do ramo etéreo, as pétalas mais puras,
E os arcanjos de Deus — em côro adamantino —
Despejam sôbre a terra a GLÓRIA DAS ALTURAS.

E, na terra adejando em tórno dos altares,
O espírito da paz evola-se no incenso,
Escapa-se no fumo a se esvaír dos lares,
E, após, vai-se perder pelo infinito imenso.

Mas não se perde. Não. Que a cérula fumaça
Penetrando no Azul, os páramos descerra;
Condensa-se no orvalho, em cristalina graça,
Que desce, pouco a pouco, e tomba sôbre a terra.

E a Paz, que se fêz Graça, entorna-se no mundo,
 Brillhando em gôtas mil, de vivos esplendores,
 Santificando o Amor, intérmino e fecundo,
 Na flor dos corações, no coração das flôres.

*
 * *

No palácio opulento e no casebre escasso,
 Tremeluzem clarões, erige-se a lapinha,
 Rompem foguetes, no ar, em trépido fracasso...
 E a hora do silêncio estruge e burburinha.

Longe, a Estrêla dos Reis, a estrêla guiadora
 Precede a multidão que, fêrvida, serpeja,
 E o Cristo, que nasceu na humilde manjedoura,
 Recebe os seus fiéis no pórtico da igreja.

Santa Missa do Galo! exemplo renascido
 A renovar-me, sempre, as vívidas lembranças!
 Doces recordações dêsse Natal florido!
 Por que não me trazeis as mesmas esperanças?

*
 * *

Jamais! A voz ingênua, álaque, excelsa e forte,
 Some-se, enrouquecida, e morre na garganta.
 Aclara Céus e Terra! esplende ao Sul e ao Norte!
 Vives no meu pesar! Perdoa, noite santa!



Aloísio de Castro

Professor de medicina e poeta contemporâneo. Tradutor esmerado principalmente de poetas italianos.

A ADORAÇÃO DOS MAGOS

ALOÍSIO DE CASTRO

VENDO surgir a súbitas, no oriente,
Luz de formosa estrêla nunca vista,
Os três Magos convieram: «Para a frente!
A voz enfim cumpriu-se do Salmista!»

Partiram. Dá-lhes rumo o astro, e com a vista
Ao céu voltada, no deserto ardente
Caminham, sem saber onde imprevista
A casa surgirá, do Deus vivente.

Jerusalém! Aos místicos claros,
Eis Belém de Judá, a humilde gruta,
A Mãe, que o Filho ao colo traz suspenso...

E ali onde o adoraram os pastôres,
Agora os Reis: já derredor se escuta
O hino da oferta de ouro e mirra e incenso...

Manuel Cavalcânti

Pernambucano, nascido em 1913. São seus livros: «Lanternas pela Noite» e «A Veste do Templo». Poeta de linha católica, a pequena difusão de seu nome é atestado da inépcia da crítica nacional, ou da má fé do noticiário literário.

SONÉTOS DE NOSSA SENHORA

MANUEL CAVALCANTI

LÍRIO convale, solitária luz,
Claridade de lâmpada, perfume
De rosa entre açucenas, angra, refúgio.
Alta estrêla nos mares, como fulges!

Rainha, Deus te salve, o sol e a lua
Vassalos, a serpente aos pés e o mundo.
Dos jardins da Ásia Menor, mirra, óleo, fumo,
Incenso, manto azul, azul de nuvem.

Protetora dos navios em perigo,
Mãe aflita dos náufragos e guia
Do caçador perdido na floresta.

Água de fonte, candeia, caravela,
Rumo de eternidade, áurea coroa,
Escada de marfim, o trono de ouro.

Paul Claudel

(1868-1954)

Diplomata, tendo servido seu país no Rio de Janeiro. Poeta e dramaturgo, temos entre os seus livros: *Tête d'Or*, *La Ville*, *L'Échange*, *Le Repos du Septième Jour*, *La Jeune-Fille Violaine*, *Le Pain Dur*, *Le Père Humilié*, *L'Annonce Faite à Marie*, *Cinq Grandes Odes*, *Cantate à Trois Voix*, *Poèmes de Guerre*, etc.

Poeta genial, aos dezoito anos, dão-se os acontecimentos que êle considera culminantes de sua vida: A descoberta de Rimbaud causou-lhe uma «impressão viva e quase física de sobrenatural» e êste sobrenatural êle pensou apreendê-lo no dia de Natal, nas Vésperas de Nossa Senhora de Paris. «Deu-se então (durante o canto do Magnificat) o acontecimento que domina tôda minha vida. Num instante meu coração foi tocado e eu cri».

CANTO DA EPIFÂNIA

PAUL CLAUDEL

NESTA manhã pequena do ano novo, quando o orvalho sob os pés tem gritos como o cristal,

E a terra a resplender, futura, surge no seu vestido batismal,
Agora que Dezembro é findo, Jesus, fruto do antigo desejo,
Se manifesta na Epifânia, plena de lampejo.

A espera no entanto foi longa, porém os dois outros com Baltasar

Através da Ásia e do demônio puseram-se tarde a marchar
Para chegar antes do fim do tempo que precede o Natal,
mas os Reis

Só chegam no Ano Novo e já no dia Seis!

Eis a estrêla que pára e Maria, cujos braços Deus aos céus eleva!

É muito tarde no entanto para saber o que contém a treva!
Basta no entanto abrir os olhos para ver,
Pois o filho de Deus é conosco e faz hoje doze dias que vem de nascer.

Gaspar, Belchior e o terceiro oferecem cada um seu presente

E nós, fixemos com êles Jesus Cristo, neste dia em que se nos manifestou tríplicemente.

O mist'rio primeiro é o oferecimento aos Reis-Sábios ao final da viagem.

Pois para os pobres é muito simples e vemos que em tórno do Estábulo a paisagem

Logo de início com muitos carneiros, só contém boas mulheres e um pastor

Que sem a menor dificuldade vão confessando o Senhor.

Eles são tão pobres que tudo isto altera pouco de Deus a face.

E seu filho se encontra com êles como que em sua casa, quando nasce.

Mas a coisa tôda muda com os sábios e os Reis

Foi preciso varejar a terra tôda apenas para encontrar três

E nem são os mais illustres e os mais altos ao menos,

Mas alguns mágicos pitorescos e soberanos coloniais e pequenos.

E o que lhes foi preciso para andar não foi uma simples notificação.

É mesmo uma Estrêla do céu que dirige a expedição,

E com desprêzo de tôdas as leis astronômicas, se põe a caminhar na frente,

Leis que para o maior labor da Apologética são insultadas especialmente.

Quando uma estrêla que é fixa desde o começo do mundo se põe em ação,

Um rei e eu direi mesmo um sábio podem sentir alguma perturbação,

Eis porque José e Maria vêem uma manhã chegarem Gaspar, Belchior e Baltasar.

Que vindo de tão longe, apenas um atraso de doze dias podiam contar.

Mãe de Deus, estas pessoas honestas, acolhei-as favoravelmente,

Que não duvidam um só instante do que viram através de sua lente.

E o que êles do fundo da Pérsia ou da Abissínia trazem, com grande labor,

São presentes de grande sentido e de grande valor:

O ouro (que hoje para se obter o cianureto é triturado,)

E que é o padrão mesmo da fé, mas não sendo jamais fraudado,

E a mirra, tão difícil de conservar, e que no deserto é arbusto raro,

E onde a Caridade encontra um símbolo no seu perfume sepulcral e amaro;

E tirada de cinza imortal, subtraída a tanto lenhador,

A única onça de incenso é a Esperança que vem de trazer
Belchior,

Passando através de mil carros e duzentos e oitenta camelos
em formação,

E que passaram pelo orifício de uma agulha, sem nenhuma
exceção!

A segunda Epifânia de Nosso Senhor é o dia em que no Jor-
dão é batizado,

A água torna-se um sacramento por fôrça do verbo acres-
centado.

Deus nu entra nas pias em que somos imersos neste mar
fôsko

Onde fazemos Um com Êle, como elas o fazem um conosco.

Até a nascente precária na estrada, até o último poço na
desolação,

De hoje em diante não haverá gôta de água que não baste
para fazer um cristão.

E que, comunicando em nós com o que há de mais vital
e mais puro,

Interiormente para o céu, não fecunde o astro futuro.

Como de fontes assim não há no céu quase nada,

Dêstes abismos de que a terra (como vemos no início do Li-
vro) foi separada,

O Cristo, na sua idade perfeita, vemo-lo no meio da hu-
manidade entrar

Como um viajor alterado a que não bastasse todo o mar.

Êle entra em tôdas as gotas do oceano; tôdas para o molhar.

«Viderunt te Aquae, Domine» diz o Salmo. E nós conhece-
mos tudo

E quando do meio de nós, emerges ébrio e desnudo,

Vosso último languor, antes que a vida seja finda,

Vosso último grito sôbre a Cruz é que Vós tendes sede
ainda!

E foi nesse repasto de bodas na Galiléia, o terceiro mistério
precisamente,

(Pois a primeira vez que se Vos viu não eras hóspede, mas
convidado sômente)

Quando mudaste em vinho, à voz de vossa Mãe tranqüila,

A água furtiva oculta nas dez urnas de argila.

O noivo baixa os olhos, êle é pobre e o pudor o consterna:
 Não é bebida para um jantar de bodas a água da cisterna!
 Como ela é, no mês de agôsto, quando os reservatórios não
 são grandes,

Tôda cheia de imundícies e de insetos nauseantes.

(Tais os seminaristas sombrios que sôfregos bebem como
 se fôsse champanha,

Ou o Ernest Havet liquefeito nas garrafas de Saint-Charle-
 magne)

Uma palavra de Deus basta para estas vindimas no caminho

Para que nossa água turva se mude em perfeito vinho.

E o vinho que a princípio era mau, finalmente melhora!

Senhor, recebemos de Vós. Porém nossa devolução não de-
 mora.

E direis se não é o melhor que nós reservamos para o fim,
 Na esponja tôda impregnada de lia e de fel, o néctar de al-
 guma delícia.

E que vos oferta para ser gentil um comissário de polícia.

Nada mais resta senão a epifânia da noite, pois a do dia se
 encerra,

É preciso fazer ver às crianças os Magos que voltam para
 sua terra.

Todos os três por uma linha oblíqua e por um caminho cheio
 de riscos,

É um grande céu nu de inverno com todos os seus astros e
 asteriscos,

Um dêstes céus, branco sôbre negro, como existe em cima
 da Sibéria e da China do Setentrião,

Com seis mil estrêlas plenas, as maiores emitindo telegra-
 mas na sua palpitação.

Qual é a tocha que um anjo arrancou ao acaso, qual é o sol,
 Para dar ao caminho em que andam os três velhos uma luz
 de farol?

Não se sabe. A noite tornou-se a mesma e tudo arde por tôda
 a parte em silêncio,

O livro ilegível do céu está aberto até as bordas e seu po-
 derio vence-o.

Salve, grande noite de Fé, infalível cidade de luas!

A pátria de um católico é a noite e não as brumas,

A bruma que cega e que asfixia, e que entra pela bôca e os olhos; e que cada um dos sentidos a sente,

Onde andam sem saber onde estão o incrédulo e o indifferente,

O cego e o indifferente na bruma sem saber onde estão e o que são,

Um tipo de animais frustrados, incapazes de Sim e de Não!

Eis a noite melhor do que o dia e que nos documenta sobre a estrada

Com todos os seus marcos no lugar e tôda ela uma cúpula constelada,

Eis o Ano Todo Novo, o mesmo que se levanta com seus milhões de olhos dirigidos para o ponto polar

E teu trono no meio do Céu, ó Maria, ó Estrêla do Mar!



Ruben Dario
(1867-1916)

Nicaraguense. Entre os seus livros: «Epístolas e Poemas», «Abrolhos» (1887), «Azul» (1889), «Prosas Profanas» (1899), «Cantos de Vida y de Esperanza». Precursor autêntico do modernismo poético americano, ainda marcado do decadentismo francês. Também prosador, publicou «Los Varos» e «Tierras Solares». Foi diplomata de seu país.

OS TRÊS REIS MAGOS

RUBEN DARIO

«**E**U SOU Gaspar. E vou trazendo o incenso.
Venho dizer: A vida é pura, é bela.
Existe Deus no céu. O Amor é imenso.
E eu soube tudo pela clara estrêla».

«Eu sou Belchior. Sou todo mirra, todo.
Existe Deus. Êle é o brilho do Dia.
A branca flor tem os seus pés no lôdo
E no prazer vibra a melancolia.»

«Sou Baltasar. Tenho amo. Enfim vos juro
Que existe Deus. E que Êle é grande e forte.
Tudo o soube através do halo tão puro
Que brilha na coroa atroz da Morte».

Reis Magos, silenciai vossos solaus.
Triunfa o Amor e à festa vos convida.
Cristo ressurgue, faz a luz do Caos
E ei-lo a cingir a coroa da Vida.

Luc Decaunes

Poeta francês, contemporâneo. Prende-se à linha surrealista, com influências de André Breton e Paul Eluard. Dêle diz Jean Rousselot: «Há nêle um trovador místico, um delirante adorador da Beleza carnal, a um tempo divina e venenosa, e escreveu poemas de amor que permanecerão entre os mais belos de nossa literatura.»

QUATRO POEMAS DA VÉSPERA DE NATAL

LUC DECAUNES

EIS a hora
O poeta acorda, estende os braços sôbre os bosques silenciosos
dos rostos

Sôbre o sono esquatejado
Oh noite

Noite maravilhosa e benéfica noite
Tuas pálpebras de diamante, tua fronte de amianto
A sêda friorenta de tua face
O anel fechado de teus lábios
São as jóias de que o poeta se orna
Para reconhecer-te a palavra

Na curva misteriosa dos ventos e das colinas
Afina-se o meu canto secreto
Como um harpista que roubasse
A forma de sua harpa ao romance que o espera
Eu sou o construidor de palavras
O sono não é meu bem
Mas a neve do tempo
Os astros solitários
Mas êste peito de cortiça
Que se ergue em tórno de meu torso trêmulo
Quando eu vigilo com tudo o que dorme

As formas

As papoulas da noite encantam o espaço.
Nem um rumor, a casa derrama-se
Mergulha na turfa de um tempo irreal

Uma rosa floresce neste minuto de sonho
 Uma rosa dilacera o peito de gaze
 Em que o amor dorme

Para ti a sabedoria, para mim a vigília lenta
 E os punhais de minha paixão
 Eu darei o meu sangue e tudo o que me resta
 Às trevas que brincam com a verdade
 Às fecundas entranhas da surprêsa
 A êste instante de vida negro como o carvão

Preside à minha escolha
 Voz longínqua das paisagens
 E tu, grande preguiça de olhos perfeitos
 Seja o sacrifício que oferto ao silêncio
 Penhor de minha esperança
 Preço do que ela me ensina
 Preside à minha escolha, como ao próprio amor,
 Dá-me a fôrça de esquecer que eu sou
 O que é
 E no palmo sagrado de teu grande rosto
 Encerra uma verdade precisa e forte
 Que possa dar-me a vida
 Sem me matar

Contracanto

Dormi entre os nós dos caniços
 Ignorava o que fazia
 A noite despertou-me como sonhando
 Tive vergonha de mim, gritei
 Trazia as mãos sôbre êste corpo imenso
 Pus minha bôca ao seio perfeito
 Fiz-me pequeno como a forma nova

Que cresça em mim esta semente
 Arrancada ao caminho rutilante do mundo
 Que atiraste com negligência
 Sôbre o dorso ligeiro da primeira nuvem
 Sei coisas demais para saber
 O valor da mensagem que entoas

Noite cúmplice, noite perfectível
Em que o Tempo se cumpre no espaço que mata
Em que tudo o que seduz
Se forma na sua perda

Resolução

Fala-se de mistério
E não se o vê
Fala-se palavras
Que não escondem nada

A mão é nua
E só

No entanto um grande mito cumpriu-se
Dorme a vida sôbre a sua outra face
Outro homem acorda no fundo de minhas entranhas.



Gonçalves Dias

(1823-1864)

No debate clássico que costuma travar-se em torno de quem seja o maior poeta nacional, o nome de Gonçalves Dias costuma aparecer contraposto ao de Castro Alves. Figura central do nosso movimento indianista, a sua atuação na hora romântica é a mais marcante como abridor de picadas no sentido da nacionalização de nossa literatura, não obstante estar influenciado por figurinos estrangeiros. A sua poesia foi recentemente compendiada em duas edições cuidadas, uma de Manuel Bandeira, outra de Mário da Silva Brito.

Além de poesia, deixou ponderável produção em teatro e memórias históricas.

A sua linguagem foi sempre das mais puras. Manuel Bandeira afirma: «Foi, sem dúvida, Gonçalves Dias, o poeta brasileiro que mais profundamente e extensamente versou a nossa língua: conhecia-a não das gramáticas mas do trato com os escritores de tôdas as épocas, desde os poetas cancioneiros e dos primeiros cronistas».

HINO DOS REIS MAGOS

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

ENTRE pobreza e miséria,
Em singela habitação
É nascido o Deus-Menino
Para a nossa salvação.

Povos e reis, adorai-o,
É nascido o Redentor:
Vem viver, sofrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.

Deixou a côrte celeste
E as galas ricas dos céus,
Quem entre os homens é Homem,
Quem entre os anjos é Deus.

Povos e reis, adorai-o,
É nascido o Redentor:
Vem viver, sofrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.

Lá das partes do Oriente,
Deixando os domínios seus,
Vêm os Magos pôr as c'roas,
Aos pés do Menino-Deus.

Povos e reis, adorai-o,
É nascido o Redentor:
Vem viver, sofrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.

Vêm of'recer os presentes
Que a Arábia Feliz produz.
Louvor a Deus nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adorai-o,
É nascido o Redentor:
Vem viver, sofrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.



O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO

SEGUNDO S. MATEUS

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem achou-se ter concebido do Espírito Santo.

Então José, seu marido, como era justo, e a não queria inflamar, intentou deixá-la secretamente.

E, projetando êle isto, eis que em sonho lhe appareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo;

E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque êle salvará o seu povo dos seus pecados.

Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz:

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco.

E José, despertando do sonho, fêz como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher;

E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome JESUS.

Os magos do Oriente

E tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém,

Dizendo: Onde está aquêle que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrêla no oriente, e viemos a adorá-lo.

E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e tôda Jerusalém com êle.

E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo.

E êles lhe disseram: Em Belém de Judéa, porque assim está escrito pelo profeta:

E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel.

Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente dêles acêrca do tempo em que a estrêla lhes apparecera.

E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore.

E, tendo êles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrêla, que tinham visto no oriente, ia adiante dêles, até que, chegando, se deteve sôbre o lugar onde estava o menino.

E vendo êles a estrêla, alegraram-se muito com grande alegria.

E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra.

E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.

(Tradução de João Ferreira de Almeida)

Jeanne L'Archevêque Duguay

Poetisa canadense, de língua francesa.
Incluída na antologia «Ici des poètes cana-
diens vous parlent du Canada».

ORAÇÃO DA MANHÃ

JEANNE L'ARCHEVÊQUE-DUGUAY

SENHOR, eu não sei belas orações:
Uma pobre mulher como eu ignora as fórmulas litúrgicas
E quando me ajoelho diante de vossa imagem, eu sinto o pêso
inteiro de minha ignorância.
Senhor, eu não sei belas orações.
Tenho um marido, um grande número de filhos,
Por causa de suas almas, dê-me um amor que procure sempre
espalhar-se.
Vós sabeis melhor do que eu do amor imenso de que uma mãe
precisa.
Dê-mo, Senhor!

*
* *

Senhor, ignoro as sábias preces, as orações do ascetismo.
Eu sei tôdas as justas orações que aprendi aos joelhos de mamãe,
E ainda as recito muito mal, Senhor, quando eu Vos falo
sinceramente.
Sem uma vontade fortemente imensa, nada se pode fazer com
os nossos dias.
Senhor! Que meus filhos sejam católicos, de vontade firme, se-
gundo Vossa Santa Vontade.

*
* *

As mães exageram sempre, quando se trata de seus queridos.
O temor deteria minha súplica nos lábios, mas Vós morrestes
por isto!
Sim, subistes ao Calvário para que nos tornemos santos.
Senhor! Espero não arriscar, pedindo esta graça para os meus
pequenos.
Não Santos que a Igreja glorificará diante do mundo inteiro,
Mas pequenos Santos comuns, admitidos no vosso paraíso, sim-
plesmente.

Luís Edmundo

Poeta, integrou a famosa boêmia de Bilac, Coelho Neto, Paula Ney, Guimarães Passos e outros.

Diz Agripino Grieco do seu volume «Poesias»: «Gostava de lê-lo e, ao lê-lo, pensava romanescamente nos salões elegantes, nos heróis de guerras voluptuosas em que apenas se ouve a detonação das garrafas de champanha». É um grande cronista do passado do Rio de Janeiro, havendo publicado **O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis** e **O Rio de Janeiro do Meu Tempo**.

N A T A L

LUÍS EDMUNDO

CALA-SE o mundo, há um luar de místicos palores;
O vento lembra uma harpa a tocar em surdina;
Brilha pela extensão do céu da Palestina
Num prenúncio feliz, a estrêla dos pastôres.

A vida acorda e vem do cálice das flôres
À alma do homem que sente um fulgor que o fascina;
A ovelha bale, o boi muge, o pastor se inclina...
Há um bálsamo por tudo a amenizar as dores.

Jesus nasceu, a fé que os corações ampara
Desce às almas buscando os íntimos refolhos,
Como os raios do sol numa lagoa clara.

Maria, porque vê Jesus pequeno e langue,
Põe um riso feliz na doçura dos olhos,
Que hão de chorar depois as lágrimas de sangue.

T. S. Elliot

Nascido nos Estados Unidos (1888), passou a viver na Inglaterra, havendo se naturalizado inglês. O poema, de que damos a tradução, foi publicado em 1917. Seu «The Waste Land», (traduzido para a nossa língua por Paula Mendes Campos), é sua obra fundamental. Como poeta, é dos principais da moderna poesia do mundo. É crítico também. Prêmio Nobel de Literatura de 1948.

Bibliografia fundamental — Lírica: *Prufrock and Other Observations*; *Poems*; *Ara Vos Prec*; *The Waste Land*; *Collected Poems*; *Old Possum's Book of Practical Cats*; *Four Quartets: East Coker*; *Burnt Norton*; *The Dry Salvages*; *Little Gidding*. Drama: *The Rock*; *Murder in the Cathedral*; *The Family Reunion*; *The Cocktail Party*. Crítica: *The Sacred Wood*; *For Lancelot Andrews*; *Dante*; *Selected Essays*; *The Use of Poetry and the Use of Criticism*; *After Strange Gods*; *Elizabethan Essays*; *Essays Ancient and Modern*; *The Idea of a Christian Society*; *What is a Classic?*.

Enorme ainda a bibliografia crítica, suscitada por êle, podendo-se destacar F. O. Matthiessen, *The Achievement of T. S. Elliot*; Rossel Hope Robbins, *The T. S. Elliot Myth*; Elizabeth Drew, *T. S. Elliot: The Design of his Poetry*.

VIAGEM DOS MAGOS

T. S. ELLIOT

A VIAGEM foi fria.

Era mesmo o pior tempo do ano
Para uma viagem, e que era longa:
Os caminhos profundos e o tempo áspero,
Verdadeiro inverno morto.
E os camelos esfolados, de pés doídos, refratários,
Os camelos dcitados sôbre a neve fluida,
Eram tempos que davam saudade
Dos palácios de verão nas encostas dos terraços,
Então os cameleiros, amaldiçoando, com esgares,
E correndo e pedindo bebida e mulheres,
E os fogos-fátuos saindo e a falta de abrigos,
E as cidades hostis e as vilas inimigas
E as aldeias sujas e cobrando caro:
Foi duro o tempo passado.
Por fim preferimos viajar à noite
Dormindo aos bocados,
Com vozes cantando aos nossos ouvidos, dizendo
Que tudo isto era loucura
Então à aurora, descemos a um vale temperado
Úmido, além da linha de neve, olente de vegetação;
Com arroio correndo, um moinho pulsando na treva
E três árvores no céu baixo,
E um velho cavalo branco galopando na alfombra.

Então chegamos a uma taverna com fôlhas de parreira à janela,
Seis mãos, de uma porta aberta, jogavam com dados de prata,
E havia pés calcando os cascos-de-vinho
Mas não havia nenhuma informação, e assim continuamos
E chegamos à noitinha, não numa hora bastante cedo
Para achar um lugar; mas era (poderei dizer) satisfatório.

Tudo isto foi há muito tempo, eu me lembro
Mas eu queria fazer esta viagem de novo, mas coloquemos isto:
Onde andamos em todo êsse caminho
Que vai do nascimento à morte? Havia um Nascimento com
certeza,
Temos disso a evidência e nenhuma dúvida. Eu vi Nascimento
e Morte,
Mas pensava que êles fôsem diferentes; êste Nascimento era
Duro e pior agonia para nós, como a Morte, a nossa Morte.
Voltamos aos nossos lugares, êstes Reinos,
Mas longe de satisfeitos aqui, na velha determinação divina,
Com um povo estranho, agarrando os seus deuses.
Eu estaria feliz com outra morte.



Frei Antônio da Estrêla

Poema português de autoria duvidosa. Em todo o caso muitas vêzes atribuído a Frei Antônio da Estrêla. Incluído em «A Poesia Religiosa na Literatura Portuguêsa», de Augusto C. Pires de Lima no período (1580-1756).

CANTIGA DE CHACOTA A NOSSA SENHORA

FREI ANTÔNIO DA ESTRÊLA

Virgem antes do parto,
no parto, e sempre,
Bendito seja o fruto
do vosso ventre.

Nove meses trouxestes
encoberto
o fruto que hoje destes
manifesto;
razão tendes por certo
estar contente,
Bendito seja o fruto
do vosso ventre.

O que Eva nos tirou
Vós no-lo destes;
aos que ela nos matou
vivos fizestes;
a vida nos trouxestes
em vosso ventre,
Virgem antes do parto,
no parto, e sempre,
Bendito seja o fruto
do vosso ventre.

Paristes o Criador,
Vós, criatura,
sem corrupção, nem dor,
ficando pura;
a glória futura
e paz presente

nos destes com o fruto
do vosso ventre,
Virgem antes do parto
no parto, e sempre.

Criais quem vos criou,
Virgem sagrada;
vistes que vos formou,
e fêz de nada;
entre tôdas criada,
mais excelente,
Bendito seja o fruto
do vosso ventre.

Dais de mamar a quem
sustenta o mundo,
mantendes a quem mantém,
e cria tudo;
mistério profundo
tendes presente;
Deus e homem, fruto
do vosso ventre.

Virgem antes do parto,
no parto,
e sempre,
Bendito seja o fruto
do vosso ventre.



Ascenso Ferreira

Pernambucano, nascido em 1886. Publicou «Cana Caiana», «Catimbó» e «Poesias» (1951). Muito preso à terra, sua poesia respira telúricamente a atmosfera de seu torrão natal. Recentemente reuniu toda a sua obra — «Poemas-1922-1953».

Prefaciando-a, Sérgio Milliet afirma: «Seus versos, em particular, os que nascem de uma inspiração mestiça, bem da terra, são «madeira que cupim não rói», jacarandá dêsse que as usinas derrubaram para a devastação da monocultura. Jacarandá da Casa Grande, substituído pelo compensado e a matéria plástica nos apartamentos sem ar, nem luz, nem plantas, das margens profanadas do Capiberibe.»

N A T A L

ASCENSO FERREIRA

NATAL, teu nome é uma canção-de-berço
lembrando coisas que já longe vão:
— noites-de-festa, com missa-do-galo!
Reisados! Cheganças! «O Boi»! Pastoris...
Cosmoramas de vistas deslumbrantes!
Os cavalos-de-pau dos trivolis!

— Natal, teu nome é uma canção-de-berço,
que desde menino amar aprendi!

Até que afinal te vim ver de perto!
Eu, que de tão longe já te conhecia
por um lado todo emocional!...
Qualquer coisa como badalar de sinos!
Estudos na escola com outros meninos:
— «Rio Grande do Norte, capital Natal!»

Gertrude von le Fort

Nascida em 1876. Poetisa mística alemã. Seus «Hinos à Igreja» foram vertidos para o francês, com grandes louvores de Paul Claudel: «Os grandes versos de Gertrude von le Fort acodem do fundo do horizonte como as vagas que o vento do Norte atira contra nós com violência e majestade uma após outra».

Extraímos êste poema de seu livro «Hymnes à L'Église», que representam um diálogo em que Deus, através da Igreja, fala com a alma.

O ADVENTO

GERTRUDE VON LE FORT

I

E tua voz fala:

DESDOBRA tuas asas, alma, deixa teu longínquo retiro, desce do céu para tua pequena casa!
Mártir da vida oculta, vítima do Deus obscuro, ó tu que sublime suspiras em direção do invisível
Podemos assim caminhar sem passos?
Podemos avançar pelo ar nu?
Pode-se assim amar no silêncio eterno?
Recorda os teus pés, o teu coração, recorda-os à pobre humanidade!
Pois vê, eu vou com alegria através dos teus campos, eu te precedo com uma pressa feliz, através do outono pardo.
Há anjos em viagem, há grandes estrêlas caminhando para esta terra.
Acalentai, mães, acalentai: a cada um dos vossos meninos aparecerá a luz.

II

E tua voz fala:

Cantai-lhe na espera da manhã, cantai-lhe docemente, docemente,
no ouvido tenebroso do mundo!

Cantai-lhe de joelhos, cantai-lhe como debaixo de um véu, cantai-lhe como as mulheres que esperam.

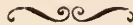
Pois aquêlê que é forte tornou-se terno, pequeno o que é imenso, gracioso e humilde o poderoso e o sublime.

Há um lugar no quarto de uma virgem: Sôbre o seu seio será o seu trono — para louvá-lo basta um acalanto!

Vê, por devoção os dias não querem mais despertar, e de temor respeitoso as noites da terra tornaram-se sombrias:

Eu quero acender, de luzes, oh alma, eu quero acender de alegria todos os extremos de tua humanidade:

Eu vos saúdo, vós que trazeis o Senhor!



Rafael de la Fuente

Incluído sob o pseudônimo de Martin Adam na «Breve Antologia Peruana» de Alberto Guillen, publicada em 1930. Esta seleção pretendia publicar os então jovens autores do Peru. Num estilo rebuscado diz êste antologista do nosso poeta: «Finura, exquisitez, almibarada aristocracia de pétalo. Matiz apenumbado de terciopelos leonardo. Gracia. Juego. Honor de noble estirpe».

N A T A L

Tua voz fala:

MENINO vindo da eternidade, agora eu quero cantar para tua mãe!

Minha canção será bela como a neve à luz da manhã!

Rejubila-te, Virgem Maria, filha de minha terra, Irmã de minha alma, rejubila-te, alegria de minha alegria!

Eu sou, um viajante na noite, mas tu és uma casa debaixo das estrêlas!

Eu sou uma taça alterada, mas tu és um mar pleno do Senhor!

Rejubila-te, Virgem Maria, bem-aventurados eu digo os que te proclamam bem-aventurada! Os filhos dos homens não têm mais o direito de desesperar.

Eu sou o único amor, para sempre eu quero dizer a todos: o Senhor exaltou uma de vós!

Rejubila-te, Virgem Maria, Asa de minha Terra, Coroa de minha alma, rejubila-te, Alegria de minha alegria.

Bem-aventurados eu digo aquêles que te proclamam bem-aventurada!

Almeida Garrett

(1799-1854)

Clássico a princípio, passou depois para o romantismo, sendo considerado o seu introdutor em Portugal. Prosador. Entre os seus livros, temos: *Catão*, *Camões*, *D. Branca*, *Lírica de João Mínimo*, *Um Auto de Gil Vicente*, *D. Filipa de Vilhena*, *Romanceiro*, *Frei Luís de Sousa*, *Flôres sem Fruto*, *Viagens na Minha Terra*, *Fôlhas Caídas*.

O NATAL EM LONDRES

ALMEIDA GARRET

QUE Natal êste! — Sempre sois hereges,
Meus amigos inglêses.
Bem haja o santo padre, e a sua bula
De fulminante anátema,
Que excomungou êstes illhéus descridos!
Oh! nunca a mão lhe doa.
Ver na minha católica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem trajada capa,
E o alvo-têso lenço em côca airosa,
Donde um par de olhos negros
Dão boas festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que embuçado acudiu no seu capote
À pactuada igreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas,
E de teus dias santos
Tão folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de Dezembro
De regalados fartes coroados
Aquecer corpo e alma
Co' o vinho quente, c'os mexidos-ovos,
E farta comesaina!
E êstes excomungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre enregelados,
Bebendo no seu ale,

E tasquinhando na carnal montanha
 Do beef cru e insípido!
 Pois os Christmas-pyes, gabado esmêro
 De sarmatas manjares!...
 Olhem estas pequenas... são bonitas;
 Mas que importa que o sejam
 Se das Graças donosas praguejadas,
 Rústicas e selvagens,
 Nem dança airosa, nem alegre jôgo
 De divertidas prendas
 Arranjar sabem, e passar o tempo
 Em honesto folgado!
 Jogar um whist môrno e taciturno
 Sentar-se em inona roda
 Junto ao fogão, fazer um detestável
 Chá prêto e fedorento,
 Sem ar, sem graça... — Oh madre natureza,
 Quanto mal empregaste,
 A formosura, o mimo, as lindas côres
 Que a tais estátuas deste!



Alfonso Gatto

Poeta italiano contemporâneo, nascido em 1909. Também crítico de arte. Obras poéticas: «Isola» (1932), «Morto ai paesi» (1937), «Poesie» (1941), «Amore della Vita» (1944), «Il capo sulla neve» (1946), «Nuove Poesie» (1950). Poeta de grande variedade de ritmos, temas e linguagem.

NATAL NO CAFÉ-FLORIAN

ALFONSO GATTO

A NÉVOA rósea,
o ar dos vapores frios
vermelhos com a tarde,
o assobio do barco a surdir
nos sinos imensos.
Um peitoril triste,
Veneza que enche as orlas de bruma
no Grande Canal.

Caídas as estrêlas, caídas as rosas
no vento que traz o Natal.



Théophile Gautier

(1811-1872)

Partindo do Romantismo acaba arribando a «Émaux et Camées», um dos livros-base do parnasianismo. Considerava-se romântico mas o seu cuidadoso apuro da forma coloca-o melhor dentro da tendência parnasiana, onde a história literária acabou por situá-lo definitivamente. Orgulhava-se de se haver feito o seu livro principal durante as perturbações da Comuna, o que é evidência por outro lado de um dos traços que também ficou marcando o parnasianismo: a arte pela arte, a afrontosa indiferença pelo mundo e seus possíveis conflitos. Também foi crítico de arte e de teatro. Outros livros seus: **Poèmes antiques**, **Poèmes et Poésies**, **Poésies barbares**, **Poèmes tragiques**.

N A T A L

THÉOPHILE GAUTIER

O CÉU é negro, é branca a terra;
Carrilhonai, ó voz do sino!
Jesus nasceu e já descera
Nossa Senhora o olhar divino.

Não há cortina de Bretanha
Para no frio dar socorro,
Não há mais que teias de aranha
Pendentes das pranchas do fôrro.

E treme na palha que doura,
O Deus de olhos angelicais,
E dão calor à manjedoura
O hálito a arder dos animais.

Sôbre a cabana brilha a neve
Em cima há um céu onde há um coral
De anjos que canta a canção leve
Para os pastôres: «É Natal!»

Augusto Gil
(1873-1929)

Poeta português. Entre os seus livros de poemas: «Musa Cérula», «Versos», «Luar de Janeiro», «O Canto da Cigana», «Alba Plena», «Avena Rústica», etc.

O PASSEIO DE SANTO ANTÔNIO

S AÍRA Santo Antônio do convento
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um cândido sermão sôbre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia,
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se num outeiro
Com árvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido por se ver tão longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge,
Com a resignação de quem é santo...

O luar, um luar claríssimo nasceu.
Num raio dessa linda claridade,
O Menino Jesus baixou do céu,
Pôs-se a brincar com o capuz do frade.

Perto, uma bica de água murmurante
Juntava o seu murmúrio ao dos pinhais...
Os rouxinóis ouviam-se distante.
O luar, mais alto, iluminava mais.

De braço dado, para a fonte vinha
Um par de noivos todo satisfeito,
Ela trazia ao ombro a cantarinha,
Êle trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguém os visse,
Trocaram beijos ao luar tranqüilo.
O Menino, porém, ouviu e disse:
— Ó frei Antônio, o que foi aquilo?...

O santo, erguendo a manga de burel
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu numa voz doce como mel:
— Não sei que fôsse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada límpida, sonora,
Vibrou em notas de oiro no caminho.
— Ouviste, frei Antônio? Ouviste agora?
— Ouvi, Senhor, ouvi. É um passarinho...

— Tu não estás com a cabeça boa...
Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo Antônio de Lisboa
Calou-se embaraçado, mas por fim,

Corado como as vestes dos cardeais,
Achou esta saída redentora:
— Se o Menino Jesus pergunta mais,
...Queixo-me a sua mãe, Nossa Senhora!

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquêle amor sem casamento,
Pegou-lhe ao colo e acrescentou: — Jesus,
São horas...

E abalaram p'r'ó convento.



Manuel Lago Gonzalez

Religioso. Foi Arcebispo de Santiago de Compostela. Morreu em 1925. Publicou os seguintes livros: *Elogio del idioma gallego*, *La sagrada comunión*, *carta pastoral*, *La firma de Colón*, *Manuel de estudios bíblicos*, etc. Incluído na *Antologia de Poetas Gallegos*.

O MENINO JESUS

MANUEL LAGO GONZALEZ

MENINO de trança de ouro,
meu amor e meu tesouro,
rico bem
Não sabes que eu a ti quero
de modo que não espero
querer assim a ninguém.

Estas camadas de feno
em que te deitas sereno
frias são
Quero mais de perto ver-te
a ver se vou aquecer-te
no meu pobre coração.

Para que durmas contente
terás o leito mais quente,
Cristo rei;
E de amor uma fogueira
no meu peito e bem à beira
de teu berço eu te farei.

Vem e dorme, meu amigo
Vem, na casa de um mendigo
descansar.
Esta cova é muito fria,
fora dela é ventania...
Vem ficar ao pé do lar.

Eu te farei logo um trono;
mas agora dorme um sono
de mansinho,
e depois quando te ergueres,
hei de dar-te se quizeres,
leite e mel e mais o vinho.

Oh, meu Rei, meu amiguinho,
que na beira de um caminho
tens teu berço;
Vem agora a êste meu peito
e descansa neste leito
que é mais doce do que um verso.

Aqui Jesus, meu amigo,
viverei a sós contigo
não te deixarei jamais;
eu não sonho outra ventura
eu não sonho outra fartura:
tu sòzinho e nada mais.



Andréas Gryphius
(1616-1664)

Poeta alemão barroco. Autor de numerosas tragédias peçadas de sangue.

N A T A L

ANDRÉAS GRYPHIUS

OH, NOITE mais clara que as noites, mais clara que todos os dias.
Oh, noite mais clara que o sol! E nela uma luz tôda é nada!
Um Deus foi por ela escolhido, da luz de que a noite é morada!
Oh noite que os dias e as noites num gesto feliz desafias!

Oh noite, que o sonho inundou, ó noite em que a insídia chora
E a sombra com tôda a imponência, e os males do mundo não
crescem

E a angústia e o mêdo do inferno de nós para sempre perecem
E o céu que na altura se abre não tem um relâmpago agora.

O que criou noites e séculos ei-lo que está agora por vir.
Vai submeter-se ao nosso tempo, vai nossa carne assumir
Dará por fim à eternidade as nossas vidas fugidias!

A noite obscura da tristeza, a noite amargante do crime,
Tôdas as noites sepulcrais, a noite de Cristo as redime,
Oh noite mais clara que as noites, mais clara que todos os dias!

Jorge Guillén

Nasceu em Valladolid (1893). Professor de espanhol na Sorbonne entre 1917 e 1923. Ensinou literatura em Paris, Oxford, Murcia, Sevilha. Poeta enxuto. São palavras de Juan José Domenchina: «Jorge Guillén se nos parece um Mallarmé enxertado em Valéry, inimigo de sua própria voz espontânea».

Grande poeta, autor de um único livro: «Cântico».

N A T A L

JORGE GUILLEN

ALEGRIA de neve
Pelos caminhos.
Alegria!
Tudo espera a graça
Do Bem-Nascido.

Miseráveis os homens,
Dura a terra.
Quanto mais neve cai,
O céu mais próximo.

Tu nos salvas,
Criatura
Soberana.

Aqui está luzindo
Mais rósea que branca.
As sepulturas riem
De riso calado.

Frescor e primor
Luzem para sempre
Como numa rosa
Que fôsse celeste.

E sem mais calar
A harmonia dos risos,
Estendem para nós
Uma rosa viva.

Tu nos salvas,
Criatura
Soberana!

Que encarnada a carne
Recém-nascida,
Com que açodamento
De simpatia.

Alegria de neve
Pelos caminhos.
Alegria!
Tudo espera a Graça
Do Bem-Nascido.



Alphonsus de Guimaraens

O maior poeta místico do Brasil, simbolista, emparelha como altura com Cruz e Sousa. É o poeta brasileiro que dá mais a impressão da presença de Deus. O misticismo constitui um denominador comum de tôda a produção do poeta mineiro. Às vêzes (como em alguns poemas de Kirial) Satã se infiltra, tornando-se a poesia híbrida, satânico-religiosa — revivescência nitidamente romântica. Mas uma atmosfera de paz e pureza cristãs nimba tôda a arte silenciosa e serena de Alphonsus. Cristianíssimo é o poeta, de modo que a natureza, as mulheres, as coisas sofrem uma refração ao passar por seu espírito, modelando-se à feição dos templos em que reza, das monjas que venera ou dos círios alvos e longos que o extasiam e compungem.

O Ministério da Educação publicou-lhe as obras completas, sob a responsabilidade do poeta Manuel Bandeira, havendo sido posteriormente reeditado sob a responsabilidade de Alphonsus Guimaraens Filho.

M A G N I F I C A T

(Canto de Nossa Senhora)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

AO Senhor a minh'alma engrandece, prostrada.
Meu espírito exulta em Deus meu Salvador.
Porque os olhos voltou para a ancila humilhada
Diante do seu resplendor.

Porque o olhar sôbre a sua humilde escrava lança;
Tôdas as gerações, nos séculos sem fim,
A Eleita celestial da Bem-aventurança,
Me chamarão a mim.

Em mim prodígios fêz o Onipotente; Santo
O nome tem. De geração em geração,
Da áurea misericórdia estende o suave manto
Aos que tementes lhe são.

Mostrou-nos o poder do seu Braço: aniquila
A soberba. Êsse que beata me formou.
Abate a quem se orgulha, e a sua mão tranqüila
Os humildes exaltou.

Enriquece de bens o indigente, e o opulento
Deixa pobre, de porta em porta mendigar.
Os filhos de Israel livra dos sofrimentos,
Êle que os veio amparar.

Assim como anunciado estava, e era a promessa
Que já de nossos pais até hoje nos vem,
Feita a Abraão, ao eterno, e aos descendentes dessa
Santa Estirpe. Amém.

Eduardo Guimarães

(1888-1935)

Clássicamente, admite-se a existência de um binômio Simbolista: Alphonsus Guimaraens e Cruz e Sousa. Seríamos mais justos se considerássemos uma trindade que seria obtida com a inclusão de Eduardo Guimarães. É marcado e profundamente dos diversos sestros do Simbolismo, inclusive o sentido religioso. Nome de seu livro: **A Divina Quimera**.

De alguns pontos de vista, chega a ultrapassar os outros dois simbolistas tidos por fundamentais. É assim que os ultrapassa do ponto de vista da forma poética. Realmente, em nenhum dos nossos simbolistas ela se apresenta como em Eduardo Guimarães, tão cheia de experiências e realizações. Explorou em múltiplos sentidos as possibilidades rítmicas ou melódicas do verso como no Brasil não se havia feito antes dêle. Nenhum dos nossos simbolistas soube levar tão longe a pesquisa dos elementos musicais do poema. Êle tem a música doce de Verlaine e a música grave de Baudelaire. Os seus poemas são prelúdios, arietas, rondéis, nina-nanas, «lieds», noturnos, noturninos, adágios, apaixonantes, sonatas... Dada a variedade rítmica de sua poesia, dados os caminhos de novidade e libertação que procurou, Eduardo Guimarães é o ponto de transição, a ponte entre a poesia do Simbolismo e a dos contemporâneos.

VÉSPERA DE NATAL

EDUARDO GUIMARÃES

CINTILA o azul acaso ou o silêncio? Quêdo,
sonhar parece o mundo. Através do cristal
das janelas, cortada a que estranho arvoredos,
uma árvore refulge... É noite de Natal.

Dorme a água, a terra, a fôlha; o vento que murmura,
abafa um pouco a voz. Sente-se vivo o céu.
E os anjos do Senhor debruçam-se da altura
Sôbre os berços que o amor de um róseo sonho encheu.

Penso que a vida humana achou a sua calma,
que uma hora mais feliz faz repousar a dor,
perfuma a terra tôda uma fragrância de alma...
Respira-se o ar da noite assim como uma flor.

Bem que dezembro acabe, ainda é primavera
e abrem fadas a porta a um florido vergel.
— Sapatos à lareira e corações à espera!
Sentido! — É meia-noite. Ai, Papai Noel.

Vem, sem dizer que vem, como o amor... Docemente,
Silenciosamente. É moroso... mas vem.
Traz repleto o farnel de um mundo reluzente,
onde é senhor Pierrot que a tez de lua tem.

Não tarda a ouvir o sol a esplêndida risada
de Bebê que acordou mais cedo e que, ao erguer
das cinzas o sapato, achou a rica espada,
o clarim e o tambor que rufa com prazer!

Êste outro que deseja ostentar as plumagens
de um capacete. . . E o que, simples poeta, quis
achar não um corcel mas um livro de imagens. . .
E só de o imaginar já se julga feliz!

E aquela que a sorrir foi deitar-se e que ainda
dorme, crê que já beija, ao romper da manhã,
quase doida, a boneca, essa bruxinha linda
que os olhos abre e fecha e que lhe diz: Mamã!

Que esta noite não haja um coração vazio!
Nem vazio um sapato. . . E de cada cristal
através, sonho e creio, à luz do céu de estio,
que sois do paraíso, árvores de Natal.



N A T A L

EDUARDO GUIMARÃES

JESUS é nado! Jesus é nado!
Cantam os galos, Jesus nasceu!
E no presepe, glorificado,
abre êle os olhos da côr do céu...
Jesus é nado! Jesus é nado!
Cantam os galos. Jesus nasceu!

Brilha uma estrêla no firmamento,
no firmamento lá de Belém.
Passa, bramindo no mar o vento
e os sinos tangem: Belém! Belém!

Os três Reis Magos chegam do Oriente
com os presentes para o Messias
que abre os olhos, resplandecente,
ao som de célicas melodias.

Cantam lá fora tôdas as aves,
numa harmonia celestial,
trinos cadentes, trinos suaves...
Doce harmonia! Salve, Natal!

Cantam os galos. Jesus nasceu!
E no presepe, glorificado,
abre êle os olhos da côr do céu,
de santas luzes aureolado!

Pelas florestas e pelo val
ecoam hinos. Jesus é nado!
Salve, Messias! Jesus nasceu!
Jesus é nado! Salve Natal!

Dia tão santo! Dia sagrado!
Dia bendito, dia do céu!
Jesus é nado! Jesus é nado!
Cantam os galos. Jesus nasceu!



Hjalmar Gullberg

(Nascido em 1890)

Um dos maiores poetas da Suécia. Membro da Academia Suéca onde sucedeu a Selma Lagerlof. Tradutor do grego moderno (Sikelianos), do espanhol (Gabriela Mistral) e do francês (Perrault). Entre os seus livros: **Numa cidade estrangeira** (1927), **Sonata** (1929), **Exercícios Espirituais** (1932), **Celibatário em todos os sentidos** (1935), **Paraíso Celeste** (1952), etc.

A SANTA NOITE

HJALMAR GULLBERG

I

Os Pastôres

NÃO podíamos dormir
de tal modo a estrêla ardia.
Havia frio no inverno,
e escutávamos gemer
em derredor os cordeiros.
Foi então que ofereceram
à nossa mísera terra
o mais precioso dos bens.

Oh! as flautas dos pastôres
não ficam nunca sem ecos!
Eis então que o mundo inteiro
quando apelavam as músicas,
canta em còro a celebrar
a manjedoura arruinada,
onde em meio aos animais
à noite nasceu um Rei.

II

José

Não pudemos dormir nem comer no habitáculo.
Encontramos então o refúgio no estábulo.

Certo eu nunca ignorei o que de nós seria,
mas não sabia o que esta noite criaria.
Eu me senti demais junto ao leito de palha,
é que em algumas noites um homem atrapalha.

Eu só me aproximei do recém-nado
na hora em que num presépio êle fôra deitado.

Por fôrça de uma luz aclarando o aposento,
foi tirado da Mãe sem ter um ferimento.

Pastôres junto a nós cantaram um hosana,
mas êle já dormia na paz da cabana.

Até à morte eu serei a Maria submisso
Ela apenas me dá nesta vida algum viço.

Embora seja estranho êsse acontecimento
Chamaria seu filho, só de nosso rebento.

Eu me chamo José e carpinteiro sou,
mas quem é êste filho que Maria gerou?

III

Maria

Prevê-se que terás na frente um halo aceso,
quisera à tua frente poupar tão grave pêso.

São muitos os sinais que podem dar idéia
de que um dia serás um Rei sôbre a Judéia.

Melhor se não tivesses um fim tão lisonjeiro
E fôsses nesta vida apenas carpinteiro.

Temo que de outro modo, neste mundo infernal,
Os homens, meu pequeno, te façam algum mal.

IV

Os Reis Magos

Nós três, monarcas poderosos
Do mais profundo do Oriente,
Arriscamo-nos a morrer
sob os punhais tão afiados
de muito valente bandido.
Nossa viagem na verdade
cercou-se de mil aventuras
e não foi mais, eu vos garanto,
que uma viagem de distração.

Trono e rainha nós deixamos
e após partimos carregados
de incenso, de ouro e de safira.
Mas não havia o que escolher:
Nós simplesmente obedecíamos
a êste mistério intraduzível
que para aqui nos convocava,
a estrêla é a única culpada
e nós não podemos voltar.

A rota de nosso destino
teve seu desfecho em Belém;
que outros demandem amanhã
com coroas e diademas,
pois nossos reinos finalmente
vão desmoronando de um golpe!
Fizemos esta grande viagem
para enfim adorar um mago
muito mais mago do que nós.

V

Herodes

Ah, êstes orientais, êstes homens sem senso
que longamente erraram pelo deserto imenso!

Eis que vestidos são como num carnaval
Em Roma e eu sou Herodes. Será isto normal?

Trocar por uma estrêla um reino? Enfim pensei
Que semelhante idéia sempre é indigna de um rei.

E por ver o menino fazer trajeto intenso
E dar-lhe finalmente jóias e mirra e incenso,

Dar ouro, sem em troca dêle não pedir nada!
Gente do carpinteiro! Tão alto colocada!

Êstes meus três colegas, de carnação trigueira,
parecem nesta noite cometer uma asneira.

Eu sei por espões que sua última lei
foi dada num lugar humilde que eu não sei.

Dizem — nestas palavras falam as profecias, —
Que dêste demagogo há de vir o Messias.

Muito embora em Belém nunca houvesse a ocorrência
Sempre é mãe das virtudes a tranqüila prudência

Os meninos que agora em Belém sejam nados
Hão de ser um por um neste ano assassinados.

VI

Todos (Menos Herodes)

Bela estrêla cintilante
Que brilha, de luz amiga!
E que solitária abriga
Tanto a Mãe como um Infante!

Quase sem teto ou aldrava
é o presépio miserável
onde agora fulgurava
estrêla tão admirável.

Noite de graça e quimera!
Mostra a tua claridade,
E que há em ti uma verdade
Que a nós muito supera.



Jamil Almansur Haddad

(Nasceu em 1914)

Publicou os seguintes livros de poesia: *Alkamar, a Minha Amante, Orações Negras, Poemas* («Orações Roxas» — «Novas Orações Negras» — «Orações Vermelhas»), *Primavera na Flandres e A Lua do Remorso, Cancioneiro Cubano*. Traduziu: Omar Kayyam, «Cântico dos Cânticos», Petrarca e Anacreonte.

Publicou ainda ensaios e obras de crítica literária: *História Poética do Brasil, O Amor no Pensamento Humano, Essência e Forma do Simbolismo, A Poética de Mário de Andrade, Romantismo e Sociedade Patriarcal, O Romantismo Brasileiro e as Sociedades Secretas do Tempo, Axiologia e Crítica Literária e A Ilustração no Brasil*, e, finalmente, «Revisão de Castro Alves», em 3 volumes, além de outros trabalhos.

NATAL EM BERLIM

JAMIL ALMANSUR HADDAD

ONDE os sinos? Onde os sinos?
Noutros tempos
bimbalhavam
sonolentos,
vespertinos.
Onde os sinos? Onde os sinos? Onde os sinos?

Agora a cidade mergulhou na treva.
Apagaram-se tôdas as luzes da terra e também tôdas as estrêlas
do céu.

É como se Deus aparecesse para ordenar condoído:
«Pessoal, vamos apagar tôdas as estrêlas para proteger
as criancinhas de Berlim da fúria dos bombardeiros...

E quando os aviões deixaram a cidade sossegada,
o céu inteiro maravilhosamente se estrelou.
E houve alegria no céu. E as lâmpadas embaixo acenderam-se
como risos iluminados da terra.

O Natal êste ano bem que poderia ser como sempre.
Mas onde os sinos?
Onde os sinos?
Onde os sinos?

Êstes sinos que dobraram pelos ares matutinos!

Onde os sinos
cristalinos
que cantaram
aleluias?

Onde os sinos
argentinos
que choraram
de profundis?

Onde os sinos
dos noivados?

Onde os sinos
dos enterros?

Êstes sinos que dobraram prolongados de profundis. . .

Mas, Senhor, como é possível fazer a última viagem
sem o sino compungido repicando o de profundis?

Êstes sinos que dobraram nas alturas sonolentas
eram como estranhas vozes, vozes vagas, agourentas,
vozes vindas de outro mundo e que chamavam pelos mortos.

Quem agora ao fim da vida vai chamando pelos mortos?

Onde os velhos trezentos sinos berlinenses que faziam o ar estre-
mecer de suas vozes — êles que tinham conversas metá-
licas pela noite,

longos diálogos brônzeos pela noite?

Êstes sinos
que dobraram
vespertinos. . .

E quando entardece,
o sino todo se angustia
porque êle pensa que sozinho
não poderá chamar pelos crepúsculos.

E como, Senhor meu, morrer o dia
sem ter a extrema unção da Ave-Maria?

E o dia vira noite sem passar pelo crepúsculo.

E o sino chora de melancolia.

Ai, a tragédia das tôres vazias! As tôres onde um sino vibrou!
As tôres vazias são de mau agouro; são como casas mal assombradas;

as pombas não querem saber de pousar nas tôres vazias.
Conta-se que um pombo morreu com o peito espetado no crucifixo da tôrre.

E, oh, as tôres no silêncio como sentem a ausência das vozes
familiares
E elas têm cochichos enigmáticos quando a tarde vai declinando.

A ausência dos sinos já se faz longa. E elas começam a pensar que
o sino morreu.
E as velhas tôres se enchem de uma tristeza de catafalco.

Elas são como um quarto de hospital de onde acaba de sair, para
o sono sem fim, a donzela de há muito enfêrma.

Sino, volta para a alegria dos pombos!
Sino, volta para a felicidade dos crepúsculos! Era o Angelus
que chamava os crepúsculos!
Volta para os pombos, volta para os crepúsculos, já que não há
mais noivados em Berlim.
Volta para os crepúsculos, porque não precisarás mais entoar o
de profundis,
já que ninguém mais morre em Berlim...

Dlon! Dlon!
Sino já virou canhão.
Mas o sino é imortal. O canhão apenas o aprisiona e mascara.
Êle está no canhão feito alma. E lamenta a sorte,
êle que nasceu para as bênçãos e não para o extermínio,
êle que nunca tinha visto sangue.
O sino começa a sentir-se responsável pelo pranto dos órfãos e
o crepe das viúvas.
E quando o canhão range,
há nesse ranger um lamento de alma, há uma comiseração do
sino,

êste ranger é a amarga vida interior do sino,
 é a sua nostalgia do dobre longínquo,
 a sua visão da remota ventura passada,
 o sonho sem esperanças de retôrno à tôrre gasalhosa e alta.

Vem da distância a voz de um sino triste,
 vem da distância e é tão sumida
 como se viesse de outra vida;
 é voz franzina, voz raquítica,
 voz afônica, voz tísica,
 talvez nem seja voz e seja tosse:
 Pela manhã dobrei por dois enterros...
 Tão moças que morreram, coitadinhas!

Mas agora há um sino,
 grande sino,
 negro sino,
 Êste sino até parece louco
 porque está falando sòzinho na desolação da terrível noite ber-
 linense.

Êste sino parece que vai despedaçar-se porque não há quem lhe
 responda ao clamor que vem cheio de supremo
 terror e suprema angústia.

O sino solitário está dizendo:

«Dlon! Dlon!

Sino está na fundição.

Dlon! Dlon!

Pra transformar-se em canhão!

Dlon! Dlon!

Pra matar o teu irmão».

Ai! Êste sino! Êste sino! A tôrre deixa de ser granito: é carne;
 é peito melancólico e aflito;

e o sino estremece como um coração cheio de sístoles e diástoles;
 e os sons do sino vão rolando pelos jardins, pelas avenidas lon-
 gas como gotas de sangue

que fôssem caindo
 sôbre as lajes,
 metâlicamente;

e a tôrre é pálida da palidez de quem perdeu sangue.
 A tôrre deixa de ser granito; é órbita; e o sino é ôlho;
 e as lágrimas também vão caindo sôbre as lajes.
 metàlicamente.

Entardecendo, a tôrre se avermelha como os olhos que muito choraram.

O sino também adquire uma existência vegetal. É como uma árvore que a ventania vergastasse e fôsse desaparecendo aos poucos, espalhando pelo ar e fazendo cair pelo chão, frias fôlhas metálicas e pétalas metálicas, frias.
 Sino, presença de Cristo! Sino no alto da tôrre como no alto do Calvário!

Nem lhe falta o crucifixo ebúrneo no mais alto da tôrre.

Crianças de Berlim, há um sino chorando na noite.
 Êle ento a de profundis. Pela alma de todos os seus irmãos que morreram.

E também chora o seu coração de bronze pelo destino de todos os homens,
 já que os homens não choram.
 Só êle é que chora o destino dos homens.

Crianças de Berlim, deixai os sapatinhos rotos à porta.
 Noel passará para deixar-vos legado:
 Noel porá miséria e orfandade em vossos sapatinhos!
 Crianças famintas de Berlim! Os canhões que vossos pais manejaram
 já incendiaram a essa hora tôdas as colheitas que Deus tinha pôsto na terra.



Anne Hébert
(Nasceu em 1916)

Poetisa canadense, de língua francesa.
Publicou: «Les songes en équilibre». In-
cluída na antologia «Ici des poètes cana-
diens vous parlent du Canada».

SANTA VIRGEM MARIA

ANNE HÉBERT

SANTA Virgem Maria,
sabemos bem quem Vós sois,
mas se vos imagina tão mal,
por causa de tantas imagens,
com êste manto de solenidade, azul claro,
guarnecido de ouro,
e êste vestido branco
para uma procissão.

Se nós Vos percebêssemos
tal como fostes em Nazaré,
nós Vos reconheceríamos,
Santa Virgem Maria?
Sem nimbo em volta da cabeça.
talvez com um vestido côr de cinza,
e rude, para o trabalho;
lavando
na água fria de um ribeiro,
ou cosendo com agulha de osso,
o manto de Jesus.
Nada de trabalho
para jovens finas,
nem para compor um quadro
de interior,
com um Jesus bem penteado
que aplaina pranchas
brancas,
sem sujar o avental novo,

Santa Virgem Maria,
 nós que somos tão orgulhosas
 e nada corajosas!
 Sabemos acaso
 que não tivestes empregada
 e que jamais deixastes sòzinho
 o Menino?

Santa Virgem Maria,
 sabemos acaso
 que éreis pobre
 pobre de cortar o coração,
 mas Vosso coração,
 Santa Virgem Maria,
 tinha Jesus dentro.

Santa Virgem Maria,
 Vossa casa não era muito grande,
 e tínheis flôres
 e legumes, um pequeno jardim.
 Vós devestes ter sachado
 o chão, a meio-dia,
 de joelhos, tão augustamente,
 como para a prece
 ou para lavar os pés de Jesus.

Santa Virgem Maria,
 saberíamos que sabíeis ler,
 nesses tempos
 em que os sábios
 escreviam
 sôbre tábuas de cêra?
 Mas vós éreis tôda ciência,
 também tôda graça;
 Vós contemplastes Deus,
 lendo os olhos
 de Vosso Menino,
 e escrevestes
 a vossa aceitação
 apenas com um grande Sim
 interior.

Santa Virgem Maria,
 fostes a sua Mãe,
 tomaste-o como nós,
 o Senhor,
 que se acreditava tão impassível.
 Suas mãos, que os cravos partiram,
 Vós as havíeis dado
 ao Senhor,
 tôdas pequenas e tenras,
 de propósito para a Redenção.

Sou cheia de admiração
 e respeito
 quando olho minhas mãos,
 pois eu sei que ao Salvador
 fizestes iguais,
 e que reabilitastes
 nossa pobre carne
 no mais belo
 dos filhos dos homens.

O Espírito Santo fêz em Vós
 grandes coisas.
 E jamais, desde Belém,
 não cessastes
 de dar Jesus ao mundo.
 Superabundância do dom perfeito de Maria,
 e do pai e do filho,
 e do Espírito Santo,
 nós temos a Eucaristia:
 Quando comungo,
 parece-me que é Maria
 que me estende a hóstia,
 como esta mãe,
 no dia da ordenação de seu filho,
 a quem o pai apresenta as hóstias
 para que ela as dê a seu filho
 que as consagrará
 pela primeira vez.

A mãe chora?

E na verdade parece-nos
que esta mulher
dando o seu filho a Deus,
dá Deus a seu filho,
Que por sua vez O oferecerá,
Realmente, com sua mão
No pão.

Isto não acaba de se dar;
Basta dizer: Sim.
Santa Virgem Maria,
Ensina-nos a paz
e a simplicidade.
Santa Virgem Maria,
por favor,
ensina-nos
o recanto secreto
em que guardar
estas coisas no nosso coração.



Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão

Nascido em 1694, morte entre 1763-1765. Pernambucano, publicou em 5 volumes «Orbe Seráfico — Novo Brasília».

Alude à sua obra Sílvio Romero: «A grande obra de Frei Jaboatão distingue-se pela simplicidade do estilo e por qualidades intrínsecas consideráveis. Desta categoria são por certo grande número de tradições, lendas e notícias locais sôbre vários pontos do Brasil. São também de grande valor o capítulo onde dá conta dos estudos feitos nos conventos franciscanos desde sua fundação até meados do século XVIII e o capítulo em que faz a resenha das obras escritas pelos religiosos da Ordem. São documentos importantíssimos por onde se pode penetrar no estado de cultura das congregações religiosas do Brasil nos tempos coloniais e em geral no estado da instrução popular».

AO MENINO DEUS NASCIDO NO PRESÉPIO

FREI ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO

Esse que vês pequenino,
Nessas palhas reclusado,
Do Padre é Verbo divino,
Por nosso amor humanado.

GLOSA

Prados, campos, rios, flôres,
Do ar as aves cantoras,
Do dia alegres auroras,
Os orbes com resplendores:
Dêm aplausos e louvores
A tão belo peregrino,
Pois se mostra tão benino,
Atraindo tudo a si,
Despido e com frio ali
Esse que vês pequenino.

Subamos um ponto mais:
O que não não sente, deixemos,
E do indivisível, passemos
Aos viventes racionais.
Vós, pastôres, com sinais
De gôsto mui celebrado,
Saltando com muito agrado,
Vinde de Belém por cá,
O que buscais ali está,
Nessas palhas reclusado.

Passemos mais adiante:
Corram rios, brotem flôres,
Saltem embora os pastôres
E tudo o mais que é vivente:
Que, para a função presente,
Só dão louvor genuíno
Anjos que sabem é trino
Êsse enfanto que se vê,
E, como Anjos, sabem que
Do Padre é Verbo divino.

Mas parai, também, Anjinhos,
Nessa glória que cantais.
Que se bem a Deus louvais,
Não sois assim mais santinhos:
Vêde, que tantos carinhos
Quantos têm ali obrado,
Nesse presépio deitado,
Homem é que o merecemos,
Pois só homem é que o vemos,
Por nosso amor humanado.



Max Jacob
(1876-1943)

Poeta francês. Entre os seus livros, **Le Cornet à Dés**, **Le Laboratoire Central**, **Les Pénitents en Maillots Roses**, **Les Poèmes de Morveu le Gaelique**.

Diz dêle Georges Emmanuel Clancier: «Esta obra exerceu uma influência considerável; contudo, mais de uma vez, tal influência parece ter sido esquecida pelos que dela tiraram partido, e, durante a sua vida, Max Jacob não teve, por certo, a glória que merecia: são sobretudo os jovens poetas — penso particularmente em Jean Rousselot e em seus amigos — que, nos derradeiros anos de sua vida, o cercaram de afetuosa admiração.

LITANIAS DA VIRGEM SANTA

MAX JACOB

VIRGEM, tão maravilhosamente lúcida pois que reflete as luzes
do Espírito Santo
Virgem, tão unicamente igual ao Céu e que o Céu desposou,
A única mãe possível para o Senhor,
Menina de quinze anos que falou com o Anjo,
Honrada de um casamento com Deus
Honrada da maternidade com Deus
Mãe e espôsa do Céu
Miraculosa, miraculosa,
Zeladora do tesouro único,
Do tesouro da terra,
Do tesouro do Céu,
Mãe de esperança e angústia
Entranhas divinizadas,
Providência de Deus, providência dos homens
Pastôra do cordeiro pascal
Mãe que viu crescer o Homem
Mãe que viu sofrer o Homem
Mãe que viu morrer o Homem
Mãe confiante, mãe maravilhada,
Eterna imperatriz dos cristãos,
Imperatriz na Côrte dos Perfeitos
Imperatriz humilde
Imperatriz intangível, atenta, sensível, justa, sábia e pura,
Escada da Perfeição
Jardineira de nossas almas
Lâmpada de nossas vigílias,
Presidente de nossas assembléias

Enfermeira de nossas fraquezas
Vestido côm de agulha,
Tôda para todos, tôda por todos
Esmeralda do céu
Diamante das noites,
Topázio dos dias,
Mãe do Verbo, fôrça do gênio, musa das artes,
Vida do pensamento, pensamento da vida
Ó jovem para sempre
Ó para sempre mãe,
Ó pureza para sempre
Ó beleza,
Salvai a alma dos meus amigos mortos na guerra.



Fernando Pessoa

(1892-1928)

Um dos poetas portugueses de maior influência na moderna poesia brasileira. De excepcional individualidade a se revelar nos seus diversos heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro Campos. Diz dêle João Gaspar Simões: «Fernando Pessoa não devia apenas ser considerado grande poeta; devia também ser considerado grande ator. De fato, Fernando Pessoa cuidou sempre de aparecer em público diferente dêle próprio. Artisticamente, dizia Fernando Pessoa não saber senão mentir. Na sua opinião — tôda a sua obra era mentira. Mentira por quê? Porque Fernando Pessoa concebia a arte — melhor: a sua arte — como uma espécie de drama. Quer dizer: ao contrário de todos os poetas, que fazem das suas dores poemas e dos seus poemas confidências, Fernando Pessoa fêz da sua alma um artifício».

São suas obras: **Mensagem** (1935), **Obras Completas de Fernando Pessoa**, **Poemas de Álvaro de Campos**, **Poemas de Alberto Caeiro**, **Odes de Ricardo Reis**, **Mensagem** (1945), **Poemas Dramáticos**, **Páginas de Doutrina Estética**, etc.

N A T A L

FERNANDO PESSOA

NASCE um Deus. Outros morrem. A verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.
Um novo Deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é oculto.

Cassiano Ricardo

(Nasceu em 1895)

Percorreu inúmeras escolas poéticas, desde a híbrida de parnasianismo e simbolismo até as mais ousadamente modernas.

Não tendo participado embora da Semana da Arte Moderna de 1922, entregava-se mais tarde ao modernismo, integrando a chamada corrente verde-amarela. A sua obra mais recente revela maturidade de pensamento e sofrimento e apuro expressionista, colocando-o entre os poetas de primeira linha no Brasil. Publicou **Evangelho de Pã, Jardim das Hespérides, A Mentirosa de Olhos Verdes, Atalanta, Borrões de Verde e Amarelo, Vamos Caçar Papagaios, Martim Cererê**. Da fase atual: **O Sangue das Horas, Um Dia Depois do Outro, A Face Perdida e Poemas Murais**. É também ensaísta de grande valor.

NATAL SEM PRECE

CASSIANO RICARDO

EU JÁ fui anjo, tinha asa ao ombro,
hoje só tenho pés para o destêrro.
A lua era minha, hoje o país branco
onde pousou o pássaro de ferro.

Eu já tive o condão — tabuada mágica
— de ser inúmero, hoje a dor mecânica
da multiplicação, sem criação.

Eu já tive um cavalo, mas de gêsso,

um urso (de presépio) um barco, mas
de papel, um soldado, mas de chumbo.
Hoje o cavalo de corrida, o urso

polar, o transatlântico em esmeralda.
Hoje o soldado, que foi derramar
o meu sangue nas sete flôres do arco.

San Juan de la Cruz

(1542-1591)

Canonizado em 1726. Um dos místicos maiores do mundo e deve ter compreendido, como futuramente Brémond, que poesia e prece é a mesma coisa. Clássico de Espanha, o poema que traduzimos é básico em sua obra e tem merecido grande número de edições críticas, uma das quais sob a responsabilidade ilustre de Damaso Alonso. O seu **Cântico Espiritual** é glosa do **Cântico dos Cânticos** bíblico. Hermenêuticamente, coloca-se portanto San Juan de la Cruz na longa e gloriosa tradição dos que consideram êste poema, usualmente atribuído a Salomão, uma efusão mística da alma, tradução de consórcio com seus ou com a Igreja, longe por conseguinte de qualquer significação profana.

CÂNTICO ESPIRITUAL

SAN JUAN DE LA CRUZ

Espôsa:

PARA onde tu partiste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
havendo-me ferido:
saí a te chamar, mas eras ido.

Ai, amigos, se fordes
pelo aprisco ao outeiro,
se vires, meus pastôres,
meu amor verdadeiro,
dizei-lhe o meu penar e desespero.

Buscando os meus amôres,
irei por êstes montes e ribeiras,
nem colherei as flôres;
nem feras carniceiras
eu temerei, nem fortes nem fronteiras.

Oh bosques e espessuras,
plantados pela mão de meu amado,
oh prado de verduras,
de flôres esmaltado,
dizei-me se por vós êle há passado!

Espôso:

Mil graças derramando
passou por êstes sítios com doçura,
E vendo-os mirando
Com só sua figura
vestidos os deixou de formosura.

Espôsa:

Quem pudera curar-me!
 Êle coberto está de um couro inteiro,
 não queiras enviar-me
 hoje algum mensageiro,
 que não saiba dizer-me o seu roteiro.

E todos quantos vagam
 de ti me vão mil graças descrevendo,
 E êles todos me chagam,
 E deixa-me morrendo
 Um não sei quê — um balbucio lento.

Mas como assim insistes,
 se vives longe a mais negra das vidas,
 dando-te mortes tristes
 as flechas recebidas
 da mão do Amor, por êle concebidas.

Por que havendo chagado
 o triste coração não o curaste,
 e já que o tens roubado,
 por que assim o deixaste,
 e não levas o roubo que roubaste?

Afasta-me os abrolhos,
 Pois não pode ninguém vir desfazê-los;
 E vejam-te meus olhos,
 que foram teus espelhos,
 E apenas por te ver eu quero tê-los.

Venha a tua presença,
 Tua vista me mate e a formosura;
 E repara que a doença
 do amor nunca se cura
 a não ser com a presença da figura.

Oh fonte refulgente,
 Se nesses teus semblantes prateados
 formasses de repente
 os olhos desejados,
 que eu tenho nas entranhas desenhados!
 Amado, Amado,
 irei voando.

Espôso:

Ah, pomba, não te esquece
 teu cervo vulnerado
 pelo outeiro aparece.
 Sentindo-te voar, êle espairose.

Espôsa:

Meu amado, as montanhas,
 Os vales solitários nemorosos,
 as ilhotas estranhas
 os rios sonorosos,
 o assobio dos ares amorosos,

A noite sossegada,
 de par com os fulgores que há na aurora,
 a música calada,
 a solidão sonora,
 a ceia que recreia e que enamora.

Caçai-nos as rapôsas
 pois o nosso vinhal florido temos,
 enquanto que de rosas,
 um diadema faremos,
 e não surja ninguém pelos extremos.

Pára, aquilão enfim;
 Vem, austro que recordas os amôres,
 aspira em meu jardim,
 e corram teus olores
 e passeia o amado em meio às flôres.

Ninfas da Palestina,
 enquanto que nas flôres e rosais
 o âmbar doce domina,
 moras longe demais
 e não queres tocar nossos umbrais.

Aí, esconde-te, Amado,
 e vai mirar muito embora não queiras
 as encostas ao lado;
 mas olha as companheiras
 da que vai por ilhotas estrangeiras.

Espôso:

Pelas aves ligeiras,
 cervos, leões, veados saltadores,
 montes, vales, ribeiras,
 águas, ares, ardores,
 e à noite, pelos noturnos terrores,

Pelas amenas liras
 e cantos de sereias vos conjuro
 que cessem vossas iras,
 que não toqueis o muro
 para que haja na espôsa sonho puro.

Eis que é entrada a Espôsa,
 dentro do ameno hôrto desejado,
 e a seu gôsto repousa,
 o colo reclinado
 sôbre os braços em flor de seu Amado.

E sob a macieira
 ali, tu foste a minha desposada,
 beijei-te ali, primeira,
 e eras coisa sagrada
 bem onde a tua mãe fôra violada.

Espôsa:

Nosso leito florido
de covas de leões todo enfeitado,
em púrpura tingido,
de paz edificado,
de mil escudos de ouro coroados.

Ao sinal de teu rastro,
os jovens vão percorrendo o caminho,
ao teu lampejo de astro
de sazonado vinho
como emissões de bálsamo divino,

E na adega interior
do Amor bebi e após, quando eu saía
pela veiga em redor,
nada ao certo eu sabia
e a manada perdi que antes seguia.

Ali me deu seu peito,
e me ensinou ciência saborosa,
ali lhe dei meu leito
e o amor sem outra cousa:
ali lhe prometi ser sua espôsa.

Minha alma se há empregado
e tudo o que há em mim neste exercício,
eu já não guardo gado
nem já tenho outro ofício,
pois somente o amor é um exercício,

Pois se pelo distrito
eu hoje não fôr vista nem achada
dizeis que me hei perdido,
que andando enamorada
pude perder-me enfim, sendo raptada.

De flôres e esmeraldas
 e pelas manhãs frescas escolhidas
 faremos as grinaldas
 em teu amor floridas
 e só por meu cabelo entretecidas.

E só naquele fio
 que em meu colo voar consideraste,
 viste-o num calafrio,
 nêle prêso ficaste,
 e por um dos meus olhos te chagaste.

Quando tu me miravas,
 seus olhos, suas graças me imprimiam,
 por isso me adulavas,
 e nisto mereciam
 os meus amar o que nos teus sentiam.

Não queiras desprezar-me
 pois se morena côr em mim achaste,
 já bem podes mirar-me
 depois que me miraste
 que graça e formosura em mim deixaste.

Espôso:

A branca pombazinha
 à sua arca com o ramo já há voltado,
 assim como a andorinha
 ao sócio desejado
 nos verdes ribeirões há encontrado.

Em solidão vivia
 e nela tem seu ninho construído,
 na solidão a guia,
 a sós o seu querido
 também na solidão de amor ferido.

Espôsa:

Amemo-nos, Amado,
 e vamos ir com tua formosura
 por monte e por relvado,

aonde há água pura;
entremos para dentro da espessura;

E logo até as subidas
furnas das pedras nós dois galgaremos,
que estão bem escondidas,
e ali nós entraremos,
e o mosto de romãs nós provaremos.

Ali me mostrarias
aquilo que minha alma pretendia,
e logo me darias
ali, minha alegria,
aquilo que me deste o outro dia.

O ar tão doce e puro,
de Filomela a suave cantilena,
o bosque tão seguro,
pela noite serena
na chama que consome mas sem pena.

E ninguém o fitava
Aminadab tampouco ali surgia,
e o cervo sossegava
como a cavalaria
ao ver, as águas por ali descia.



Carlos de Lazerme

Em meio à sua obra poética, inclui-se
«Les Jours Passés». Incluído em «La Poésie
Religieuse», de Maurice Allem.

N A T A L

CARLOS DE LAZERME

MAGI venient de Saba . . .
Assim nestas prosas latinas,
Vozes cantavam nas matinas,
Como elas ninguém cantará . . .

Expande-se a fragrância aérea
De incenso e de mirra sagrada:
Há uma esperança ora espalhada
No ouro dos astros sôbre a terra.

Voltai de novo para o Sul,
De vosso esforço sois bem pagos,
Acordo e vou convosco, magos,
Reis que vindes de manto azul.

Todos os meus velhos Natais
Voltam agora em teoria;
E eu choro enfim, mas de alegria,
Sombras antigas retornais.

Doçuras dos Natais passados!
Com vossos vestidos sem fim
Como um bíblico serafim
Para mim sois todos voltados!

No campo é noite a negrejar . . .
Para onde vais, ó Criatura?
Vou a rezar, vou a cantar
Como os pastôres da escritura.

Escutais a frauta sonora?
Dos corações é esta voz!
São vozes de anjo como outrora
E que vão passando por nós.

Missa de Meia-Noite... O Sino...
Quem para a Igreja não iria
Se lá sentada está Maria,
A acalantar o seu Menino?

E na nave que nos imanta,
Por entre os círios acendidos,
Entre os amôres consumidos
Há um sonho milenar que canta.

Pois o presépio é sempre lá...
Velhos Natais de minha infância,
Minha alma tem velha fragrância,
Magi venient de Saba.



Alonso de Ledesma

(1552-1623)

Estudou com os Jesuítas. Vida desconhecida. Deixou «Conceptos Espirituales», «Juegos de Noche Buena com Cien Enigmas», «Romancero y Monstruo Imaginado». Os contemporâneos chamavam-no de «O divino Ledesma». Marcado de gongorismo, sem dar a êste conceito nenhuma acepção pejorativa.

A VIRGINDADE DE NOSSA SENHORA

ALONSO DE LEDESMA

O que é uma coisa
que passa pelo mar e não se molha?

AMOR, com seu grão engenho
disse: Que só me responda
a discretíssima Fé
que é a dama a quem mais toca.

O que é uma coisa
que passa pelo mar e não se molha?

Se Mar e Igreja vos chama,
sereníssima Maria,
e sol de Justiça Deus
para vós é êste enigma;
e porque o ser mãe e virgem
é coisa tão peregrina,
para que todos o entendam,
êstes símiles o digam.
E como a flor olorosa
a própria terra produz
nos outeiros elevados
onde não caiu semente;
como a pérola entre o nácar
o sol a congela e cria,
cujos belíssimos raios
as suas conchas visitam.
Como o sol pelo vitral
quando passa não se eclipsa

antes fica mais formoso,
mais transparente e mais limpo;
e como nasce da estrêla
a luz que seu sol lhe envia
e não só não a perturba
mas antes a purifica;
e assim bem como a pupila
com sua potência ativa
irá concebendo as côres,
sendo Virgem a menina;
como o sol, quando se banha
pelas águas cristalinas,
passam seus ardentes raios
e sem que as águas dividam;
assim de vós, Virgem Santa
nasce Jesus êste dia,
e pela fonte de graça
passa êste Sol de Justiça,
e pois o homem ambiciona
naturalmente saber,
procurai, alma, aprender
enigma tão misterioso.

O que é uma coisa
que passa pelo mar e não se molha?



Raul de Leoni

(1895-1926)

Autor de **Luz Mediterrânea**, hoje considerado praticamente um dos livros clássicos da poesia brasileira, e de **Ode a um Poeta Morto**, poema em louvor de Olavo Bilac. Diz dêle Rodrigo Melo Franco de Andrade: «Se havia entre nós um poeta de espírito clássico, certo seria êste, pelas posições claras e concisas, pelas imagens puras e nítidas, pelo equilíbrio formal dos seus poemas, tanto quanto pela rara capacidade para a expressão de idéias abstratas. E era admirável o rigor lógico com que nos seus versos se desenvolvia o pensamento, animado pelo jôgo preciso das imagens».

ÁRVORE DE NATAL

RAUL DE LEONI

TARDE! Estou muito triste, triste assim,
De uma tristeza imóvel e vazia...
E uma ronda de crianças esfuzia
Na aquarela chinêsa do jardim...

Aos poucos a farândola leviana,
Chega-se a mim, cerca-me ousadamente:
Inquietas larvazinhas de alma humana,

Misteriosos destinos em semente,
Vêm parar a meus pés depois — meigas violetas,
Sob a sombra de uma árvore doente.

Não tenho nada para dar-lhes, sou
Como um pinheiro contemplativo,
Cujos ramos dolentes não têm frutos
Que há muito um vento cruel os arrancou...

Mas elas pedem qualquer coisa e eu me comovo.
Eu tenho tanta pena das crianças!
Elas são todo o mundo a começar de novo
Para as mesmas incertas caminhadas,
Para o mistério das encruzilhadas;
São tôda a Humanidade que renasce,
Ingênua, simples e maravilhada,
Como a primeira vez que apareceu.
E, então (isso é dos santos e dos sábios),
Penduro na tristeza dos meus lábios
Coisas alegres que não são minhas;
Fábulas mansas, contos de fadas,
Histórias de anjos e rainhas
E uma porção de coisas encantadas,
Que vou distribuindo pelo bando...

E a tarde que se vai lentamente apagando,
Na aquarela chinêsa do jardim,
Semeando alegrias e esperanças —
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda
Árvore de Natal entre as crianças. . .



Jorge de Lima

Nasceu em Alagoas em 1895. Poeta de grande atuação no cenário da literatura atual do Brasil, sua trajetória vai desde os sonetos tradicionais até os versos varridos por um vento de liberdade. É dono de uma arte com raízes firmes no chão brasileiro. Entrou ainda pelos terrenos da poesia cristã, onde apresenta excelentes realizações. Nesse setor publicou, em colaboração com Murilo Mendes, **Tempo e Eternidade**. O seu livro principal, marcado por essa presença de Cristo, é **Túnica Inconsútil**. Recentemente, organizado por Otto Maria Carpeaux, apareceu um volume enfeixando as suas obras completadas. É romancista também.

POEMA DE NATAL

JORGE DE LIMA

Ó MEU Jesus, quando você
ficar assim maiorzinho
venha para darmos um passeio
que eu também gosto das crianças.

Iremos ver as feras mansas
que há no jardim zoológico.
E em qualquer dia feriado
iremos, então, por exemplo,
ver Cristo-Rei do Corcovado.

E quem passar
vendo o menino
há-de dizer: ali vai o filho
de Nossa Senhora da Conceição!

— Aquê! menino que vai ali
(diversos homens logo dirão)
sabe mais coisas que todos nós!

— Bom dia, Jesus! — Dirá uma voz.

E outras vozes cochicharão:
— É o belo menino que está no livro
da minha primeira comunhão!

— Como está forte! — Nada mudou!
— Que boa saúde! Que boas côres!
(Dirão adiante outros senhores)

Mas outra gente de aspecto vário
há-de dizer ao ver você:
— É o menino do carpinteiro!
E vendo êsses modos de operário
que sai aos Domingos pra passear,
nos convidarão para irmos juntos
os camaradas visitar.

E quando voltarmos
pra casa, à noite,
e forem pra o vício os pecadores,
êles sem dúvida me convidarão.

Eu hei de inventar pretextos sutis
pra você me deixar sòzinho ir
Menino-Jesus, miserere nobis,
segure com fôrça a minha mão.



Henriqueta Lisboa

(Nascida em 1903)

Publicou: *Fogo-Fátuo*, *Enternecimento*, *Velário* e *O Menino Poeta*. Dela diz Carlos Burlamaqui Kopke: «Das suas irmãs americanas, nem Delmira Augustini, cuja poesia é um réquiem soluçante de almas que, intuindo, caminham para a morte; nem a nossa Rosalina Coelho Lisboa que, seguindo o conselho de Confúcio, «transforma a dor moral na idéia vitoriosa, na alta luz da inteligência»; nem a estadunidense Adelade Crapsey, que condensa o desespêro silencioso do seu monólogo interior, da sua realidade substancial numa expressão intuitiva e direta; nem Juana de Ibarborou com seus poemas de valores cromáticos; nem Gabriela Mistral apresentando aos nossos olhos o esplendor cósmico dos picos andinos; nem Maria Henriqueta, cantando aos nossos ouvidos as velhas cantigas, que são visões do México; nem Alfonsina Storni evocando-nos a alma das ruas dêsse Buenos Aires trepidante, podem igualar-se-lhe no áureo encantamento do plano de comunicação poética».

N A T A L

HENRIQUETA LISBOA

VEJO a estrêla que percorre
a noite larga.

Vejo a estrêla que perturba
fundos mares.

Vejo a estrêla que revela
a eternidade.

Mas para onde foi a estrêla
contemplada?

Para onde foi no momento
mais amargo?

Em que cimosa ora habita
que de balde

se enchem meus olhos de brandas
orvalhadas?

Vejo a estrêla — tão de súbito! —
ao meu lado.

Vejo os olhos do Menino
desejado.

Federico Garcia Lorca

Nasceu em Granada (1898). Obra de poesia e de teatro fundamente inspirada em motivos populares e que acabam tendo enorme repercussão e influência. Morreu fuzilado «na sua própria Granada», em agosto de 1936.

Muito traduzido pelos poetas brasileiros, tendo os palcos do Brasil visto a representação de alguns dos seus dramas. Cecília Meireles traduziu-lhe *Bodas de Sangre*. Edgar Cavalheiro traçou a sua biografia e louva-o: «O grande milagre e a razão maior da glória de Federico Garcia Lorca é a circunstância de que nêle foi possível a coexistência de um grande poeta nacional com uma grande força poética universal. Os versos que os seus patrícios cantavam no fim das reuniões «republicanas», não falavam somente da Espanha, de Leão ou Castela, Granada ou Astúria: falavam a própria linguagem da poesia, que, como a linguagem da música, da pintura ou da dança, não tem fronteiras; exteriorizavam sentimentos que por pertencerem ao povo são universais e facilmente assimiláveis tanto pelos homens da Europa quanto pelos homens da América, África ou Ásia».

S ã O G A B R I E L
(Sevilha)

FEDERICO GARCIA LORCA

BELA criança de junco,
amplos ombros, fino talhe,
pele de maçã noturna
bôca triste e olhos grandes,
vai rondando a êrma rua.
Seus sapatos de verniz,
rompem as dâlias do ar
com os dois ritmos que cantam
breves lutos celestiais.
E, na ribeira do mar
não há palma igual a êle,
nem imperador coroadado,
nem luzeiro caminhante.
E quando a cabeça inclina
sôbre o seu peito de jaspe,
a noite busca planuras
porque ela quer ajoelhar-se.
As guitarras soam sós
para São Gabriel Arcanjo,
domador de pombas mansas
e inimigo dos salgueiros.
— São Gabriel: a criança chora
no ventre de sua mãe!
Não olvides que os ciganos
presentearam-te o vestido.

I I

Anunciação dos Reis
bem lunada e mal vestida
eis que abre a porta ao luzeiro

que pela rua surgia.
O arcanjo São Gabriel,
entre açucena e sorriso,
e bisneto da Giralda,
vem chegando de visita.
Em seu colete bordado
grilos ocultos palpitam.
As estrêlas pela noite
mudaram em campainhas.
— São Gabriel: aqui me tens
com três cravos de alegria.
Teu fulgor abre jasmims
em minha face acendida.
— Deus te salve, Anunciação,
Morena de Maravilha!
Terás um filho mais belo
e suave que o hastil da brisa.
— Ai São Gabriel de meus olhos!
— Gabriel de minha vida!
Para sentares, eu sonho
cadeira de clavelinas.
— Deus te salve, Anunciação,
bem lunada e mal vestida,
teu ninho terá no peito
um lunar e três feridas.
— Ai, São Gabriel que reluzes,
Gabriel de minha vida!
Já no fundo de meus peitos
Vai nascendo o leite túbio.
— Deus te salve Anunciação,
oh Mãe de cem dinastias!
Ávidos luzem teus olhos,
grama a apascentar os potros,
canta a criança no seio
de Anunciação surpreendida,
três balas de amêndoa verde
tremem em sua vozinha.
Já São Gabriel pelo ar
por uma escada subia.
As estrêlas pela noite
tornaram-se sempre vivas.

Gilka Machado

Poetisa brasileira das maiores, pertence a esta geração que, antes do Modernismo, estabelecia o ponto de transição entre a poética anterior parnasiano-simbolista. É poetisa dotada de um estremecimento de amor dos mais vibrantes, devendo incluir-se o seu nome numa possível história social da mulher no Brasil, pelas portas que lhe abriu no sentido de, quando poetisa, poder deixar de lado os temas bem comportados, aceitos, ou melhor, impostos pela moral vigente, abrindo as perspectivas da verdadeira poesia e da autenticidade. Entre os seus livros de versos: **Estados de Alma**, **Mulher Nua**, **Meu Glorioso Pecado** e mais recentemente **Meu Rosto**, que revela relativa ruptura com as suas características mais definidoras.

NOITE DE NATAL EM HOLLYWOOD

GILKA MACHADO

FULGURAM frutos de eletricidade
em filas de árvores, a cidade
é um espetáculo sem igual!
Meus olhos erram, cheios de pasmo,
procurando o alvoroço, a alegria, o entusiasmo
do cenográfico Natal.

Em cada casa uma árvore fulgura;
cada rua é de luzes um jardim;
mas não vejo uma só pequenina criatura,
e que anseio de infância, de candura,
no deserto que há em mim!

Os anjos donos desta festa
onde estarão?
e êstes inúmeros automóveis,
sempre em desfile,
aonde irão?
E estas frondes luminosas
por que cintilam inútilmente
na solidão?

Minha alma se transporta
ao Natal mais feliz,
de um longínquo país,
onde míseras crianças
brincam felizes nas escuras ruas,
ricas de liberdade e de esperanças.

E meu olhar se nubla
em meio ao luxo inteiramente vão
desta fantástica iluminação.
Pobre cidade, assim, sem vida,
és uma festa interrompida,
uma suspensa celebração.

Hollywood fulge
e cega-me a tristeza;
Hollywood fulge como um fúnebre hôrto.
e sonho, oculto na urbe acesa,
um Deus-Menino que nasceu morto.



Francisco Mangabeira

Nasceu em 1879, morrendo em 1904.
Publicou: **Hostiário**, **Tragédia Épica**, **Últimas Poesias**, **As Visões de Santa Teresa**.

Incluído no **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**, por Andrade Muricy.

NO DIA DE REIS

FRANCISCO MANGABEIRA

FOI no dia de reis, à noite, que da lua
Êles vieram, tomando a estrada de São Tiago,
A esta minha choupana esburacada e nua,
Onde vivo a cismar como a garça no lago.

Cavalgavam corcéis com arreios de chamas...
As rédeas eram como os raios, as esporas
Estrêlas, e os reais mantos de áureas escamas
Eram três céus azuis com três lindas auroras...

O primeiro dos reis era da côr da neve...
Trazia um céu no olhar, e outro no pensamento...
Bôca de rosa rubra, onde um sorriso breve
Fremia como um lírio à carícia do vento.

Tinha à destra, da côr dos blocos de alabastro,
Um ramo de jasmims, crenças e borboletas...
A guiá-lo, no céu resplandecia um astro...
E embaixo de seus pés nasciam violetas...

Rindo-se, o altivo rei beijou meus pés de escravo,
E, depois, como um Deus das mais remotas eras,
Desfolhou sôbre mim, impassível e bravo,
Um ramalhete ideal de sonhos e quimeras.

Então vi muito além palácios de esmeraldas,
Onde eu andava envolto em clâmides radiantes,
Com pérolas, rubins e prásios em grinaldas
E ígneas constelações de oiro e diamantes.

Fadas celestiais de olhos meigos e castos
 Fitavam-me, e eu então, em glória sôbre-humana,
 Lambia-lhes com fúria os seus cabelos bastos
 E os rostos de marfim, nácar e porcelana.

Cavalgando depois uma águia luminosa,
 Subia para o céu, num cortêjo de estrêlas...
 E o firmamento era uma estrada vitoriosa,
 De que os astros a arder eram as sentinelas.

Eu ia pelo azul de espada e manto sôlto,
 Gorro de fogo e sóis a faiscar na fronte
 Onde, a resplandecer, meu cabelo revôlto
 Derramava clarões de horizonte a horizonte.

E eu seguia, canções e hinos escutando,
 Enquanto no infinito e sideral tesoiro
 Lindas constelações iam desabrochando
 Como a iluminação das avenidas de oiro.

Mas depois o outro rei, saltando do ginete,
 Beijou as minhas mãos de pobre com humildade...
 E depondo no chão o cetro e o capacete,
 Entornou em minh'alma o incenso da vaidade.

E então eu desejei ser grande como o espaço
 Que cansa o furacão e a tempestade acalma...
 Trazer os homens a tremer sob o meu braço,
 E os corações a palpitar pela minh'alma.

E fui-me a batalhar por mais ignotos mundos...
 Venci todos os reis que achei no meu caminho...
 Atravessei paus, serras e mares fundos,
 Tranquilo, indiferente, impávido e sòzinho!

E sorri-me, orgulhoso... Então o rei terceiro
 Que era negro, da côr da morte e da miséria,
 Queimou a mirra, e eu vi o mundo traiçoeiro
 No qual apenas sou um pouco da matéria.

Meu Jesus, como tu, que foste rei um dia,
E que dêles tiveste a grata vassalagem
Também eu, no país de minha fantasia,
Já tive de outros reis o gesto de homenagem.

E como tu suporto as irrisões do fado,
E depois de ser rei e ter vitória imensa,
Hoje estou a morrer, hirto e crucificado
No madeiro do mal, do vício e da descrença...

Mas tu ressuscitaste entre hinos de alegria,
Sob a luz triunfal da vastidão aerea...
Tu tiveste o luar dos olhos de Maria
E o glorioso arrebol do olhar de Madalena...

No entanto o meu mal é infindo e sem remédio...
Da descrença pregado à grande cruz maldita,
Sinto esvoaçando em tórno os abutres do tédio...
E quem perdeu a fé, como é que ressuscita?



Murilo Mendes

(Nascido em 1902)

Poeta colocado dentro da tradição surrealista, decompõe o mundo externo e cria um mundo poético originalmente seu. É uma poesia cheia de elementos sobrenaturais e que se move numa atmosfera de verdadeiro delírio.

Analisando-o, afirma Álvaro Lins: «Na verdade o Sr. Murilo Mendes se sente na terra, como um «novíssimo Prometeu». Sente-se acorrentado, violentado, debatendo-se num tumulto de aspirações impossíveis. Procura se evadir do mundo natural por intermédio de dois caminhos: o seu frio espírito crítico e sua ardente alucinação poética».

A A N U N C I A Ç Ã O

MURILO MENDES

O ANJO pousa de leve
No quarto onde a moça pura
Remenda a roupa dos pobres.
Nasceu uma claridade
No quarto pobre da moça;
A máquina de costurar
Costura raios de luz.
Não se sabe mais se o anjo
É bem o anjo, ou Maria.

Nasce a voz dentro do anjo,
A tarde levanta o corpo,
Suspende a respiração
E o espírito murmurou:
— O Senhor manda saudar
A mais pura das mulheres,
Formosa entre as criaturas,
Mais santa do que mulher.
Deus te escolheu pra nascer.
No teu seio o Salvador.
Serás recebida um dia
Na frente dos serafins,
Também serás traspassada
Com espada de sete dores.
A noite já está nascendo,
Adeus, minha amiga, adeus. —

Maria não se perturba,
Inclina o corpo sereno:
— Espere um pouco, meu anjo,
Não se esqueça êste recado.
Eu sou a criada de Deus,
Tudo o que Êle ordenar
Me esforçarei de cumprir.
Meu corpo nas mãos de Deus.
Minha alma nas mãos de Deus
São menos do que a costura
Aqui nestas pobres mãos. —

O anjo levanta os braços,
Vai a moça estremeceu,
A sombra do anjo sumindo
Desenha uma cruz no chão.



N A T A L

MURILO MENDES

MEU outro eu angustiado desloca o curso dos astros, atravessa os espaços de fogo e beija a orla do manto divino.

E o Ser dos sêres envia seu Filho para mim, para os outros que O pedem e para os que O esquecem;

Uma criança dançando segura uma esfera azul com a cruz equilibrada nela;

Vêm adorá-la brancos, pretos, mulatos, portuguezes, turcos, alemães, russos, chins, polacos, banhistas, beatas, cachorros e gatos.

A presença da criança transmite aos homens uma paz inefável que êles comunicam nos seus lares a todos os amigos e parentes.

Anjos serenos sobrevoam o mar, os morros e os arranha-céus, desenrolando-se, de combinação com a rosa dos ventos, grandes letreiros onde se lê: **GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE!**

Emílio de Menezes

(1867-1918)

Parnasiano, obedeceu aos severos cânones da escola, caracterizando-se ainda pela surprêsa de suas rimas. Além do veio lírico, nota-se-lhe o satírico, aspecto de sua arte que Agripino Grieco assim comenta: «abandonando os **Poemas da Morte**, passando do cantochão à pilhéria, Emílio fascinava. Volumoso como Sancho, andou pelo mundo a semear, sob os pés do burguês, ninhos de víboras. Não perdeu um único caso humano digno de comentário irônico. Foi — não sei se alguém já aproveitou isto — um dêsses espinheiros que ficam à margem do caminho e arrancam um pouco de lã a cada carneiro que passa».

Publicou **Marcha Fúnebre**, **Poemas da Morte**, **Poesias**, **Últimas Rimas**, **Mortalhas e Sátiras**.

IMACULADA CONCEIÇÃO

EMÍLIO DE MENEZES

CERTAMENTE de todos o mais suave
Dentre os mistérios da divina crença
É aquêlê que na Virgem se condensa
E que é das leis cristãs a própria chave.

Hoje, por isso, a Humanidade incensa
Dos templos todos a vaidosa nave,
Para que seus pecados desagrave
E os instintos impuros dome e vença.

Tôda a beleza da maternidade,
Mas sem a mancha que a mulher trazia
De Eva, fonte da espúria humanidade,

É o que vibra no culto dêste dia,
E há de vibrar por tôda a Eternidade:
— Bendita sejas Tu, Virgem Maria!

A ANUNCIAÇÃO

EMÍLIO DE MENEZES

ENTRE gente modesta, a existência prosaica,
Longe do grande luxo e vivendo distante
Do fausto babilônio e da pompa caldaica,
Sem nada a lhe turvar o angélico semblante;

Diz uma tradição de santa lenda arcaica
Cuja veracidade a Escritura garante —
Floresce a melhor flor da família judaica
Como um lótus de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume
Em ter, pelo seu Deus e seu supremo guia,
Tudo o que a dor lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

«Mãe do Senhor serás» o arcanjo lhe anuncia.
E Ela acende no olhar do espanto o estranho lume!
— Era o primeiro olhar dos olhos de Maria!...

John Milton

(1603-1674)

O maior poeta do seiscentismo inglês. Celebrizou-o uma epopéia, «O Paraíso Perdido». Dêste poema dizem Legouis e Cazamian: «É o mais hebraico dos grandes poemas ingleses. É fruto de meditações prolongadas do Puritano sôbre a Bíblia, a pintura de visões que sua vista interior dela retirou. Quanto ao estilo, é o mais latino da poesia inglesa. O valor das palavras, a sintaxe, os cortes da frase, até o emprêgo dos ablativos absolutos, leva constantemente a lembrança do leitor letrado ao pensamento dos clássicos. O estilo periódico, o verso sem rima, belo só por sua cadência, com suas rejeições e inversões, têm uma solenidade severa, uma energia que não conhece dobras. Pela plenitude do sentido, pela densidade e pela distinção ininterrupta, a elevação constante acima da prosa, é uma obra sem igual na poesia inglesa.

NA MANHÃ DA NATIVIDADE DE CRISTO

JOHN MILTON

CHEGADO enfim é o mês, a sazão encantada
Em que o filho dos céus, onde há um rei eternal,
Vindo de Virgem Mãe e Donzela casada
Virá do alto trazer a redenção do Mal.
Pois vimos nos profetas verdade anunciada
Que êle nos livrará do perpétuo pecado
E seu pai nos dará a paz como um legado.

Esta gloriosa forma e luz contínua acesa
E êste, a resplandecer clarão de majestade
E que êle sempre tinha na superna mesa
Em que ficava ao meio da tríplice unidade.
Tudo deixou; e por nos dar sua certeza,
Os paços relegou, de luz sempre tranqüila
E conosco escolheu fria casa de argila.

Musa do céu, por que a tua inspiração
Um presente não dá a ser de pura essência?
Não tens versos nem hinos como não tens canção
Para saudá-lo enfim, na nova residência?
Mas sucede que o céu não tem maior fulgência,
Nada pode acusar da luz que chega
Quando ela como os batalhões de estrêlas cega.

Eis como já vieram os Magos do Oriente,
Guiados pela estrêla e repletos de aromas,
Vamos, antecipai-vos, que o teu canto silente
Seja acolhido enfim nas modestas redomas;
Sejas tu a primeira que devotada assomas
E aos hosanas dos anjos acrescente o teu grito
Purificado pelo sol do altar bendito.

Gabriela Mistral

Chilena, é geralmente considerada a maior poetisa de língua espanhola. Prêmio Nobel em 1945. Define-a Pierre Darmangeat que a traduziu para o francês: «De modo algum atormentada pela sensualidade, sua lira harmoniosa — onde vibra também uma corda de inquietude e de amargura muito pessoais — encontra, num sentimento maternal alargado em direção da contemplação cósmica, o cumprimento da finalidade do amor.

J E S U S

GABRIELA MISTRAL

E FAZENDO a ronda
se nos foi a tarde.
O sol já morreu;
a montanha não arde.

Porém a ronda continuará.
Que importa se no céu o sol não está?

Dançando, dançando,
ninguém viu o segrêdo
de Jesus que chegava
para entrar no brinquedo.

Entrou na roda, sem rumor
E o centro está feito resplendor.

O canto calou-se,
calou-se de assombro.
Oprimem-se, as mãos,
Oprimem-se, tremendo.

E giramos em seu redor,
E sem romper o resplendor.

Já se calou o côro,
Agora ninguém canta.
Ouve-se o coração
em vez da garganta.

E vendo o seu rosto arder
nos vai encontrar o amanhecer.

Juan Ramón Molina

(1857-1908)

Poeta centro-americano. Obra: «Una
muerta», «Tierras, mares y Cielos».

TREVOS DE NATAL

(Fragmento)

MEU Jesus que num curral
estás radioso e desnudo
enquanto eu, sombrio e mudo,
passo mal.

Pequenino,
coisa grácil,
como rosa, como arminho,
como arminho frágil.

Ah, pobre rei pois enquanto
nenhum vassalo te adula
dás o teu sorriso à mula
e dás ao boi o teu pranto.

Do trotar
vai se escutando o rumor
do corcel de Baltasar,
do camelo de Belchior
e do onagro de Gaspar.

E na noite ardente, e bela
os divinos magos vêm
pois que já parou a estrêla
sôbre a mística Belém.

Seus tesouros
te darão, que são imensos,
púrpuras, mirras, incensos,
perfumes, diamantes e ouros,
enquanto dançam pastôres
tangendo frautas nos prados
argenteados
e tranqüilos
de trevos e de tomilhos;
E nos celestes sem fins
entoam hinos sagrados
as hostes dos serafins.

Menino-Deus, rei pequeno
De alma azul tal qual as preces
tens frio, mas já te aqueces
do hálito que vem do feno.



VERSOS ANÔNIMOS PORTUGUÊSES

AO MENINO JESUS

BEM podia Deus nascer
Numa cama de ouro fino,
Mas p'ra dar exemplo ao mundo,
Quis nascer tão pobrezinho.

Ó meu menino Jesus,
Meu menino, meu amor,
Vieste nascer ao mundo,
Sendo vós do céu Senhor.

Eu hei de dar ao Menino
Cinco pedras esmaltadas,
Cada pedra, cinco quinas,
Cada quina, cinco chagas.

CANÇÃO DO BERÇO

ESTAVA a Senhora
À borda do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho.

Maria lavava,
José estendia
Chorava o Menino
Com frio que tinha.

— Cala, meu Menino,
Cala, meu amor,
São os orvalhinhos
Que vêm do Senhor.

Não choreis, Menino,
Não choreis, amor:
Serão os pecados
Dos homens sem dor?

O Sol já vai alto,
Na montanha além,
Aquecer o Menino,
Solzinho, vem, vem.

Os filhos dos ricos
Em berço doirado,
Só vós, meu Menino,
Em palhas deitado!...

FALA DO REPRESENTADOR
NUM AUTO DO MENINO DEUS

SE BEM se considerasse
o bem de noite como esta,
seguro que a gente andasse
douda de alegria e festa,
pelo bem que nela nasce.

Quando o homem mais se cobre
de sêda brocada e pele,
mais forrado, rico e nobre,
então nasce Deus por êle
despido na palha, e pobre.

E quando (o) frio ameaça
ao pobre, e ao mal vestido
que tudo fere e trespassa,
então nasce Deus despido
por nos vestir de sua graça.

E, quando o tenro animal
deixa o campo de pascer
porque o frio o trata mal,
então é que quis nascer
Deus por nós em um portal.

Tudo pelo frio inverno
se recolhe e agasalha
com regimento e govêrno,
e então nasce Deus eterno
despido por nós na palha.

Quando o passarinho leve
não sai do seu ninho fora,
que de frio não se atreve,
O Menino JESUS chora
coberto de frio e neve.

Isto são obrigações
que todos a Deus devemos...
Com o que lhe pagaremos?
É dar-lhe c'os corações
as festas que lhe fazemos.





Este livro foi composto e
impresso nas oficinas gráficas
da EDITORA OUGARIT S. A.,
à rua Basílio da Cunha,
1097-1101 — São Paulo,
para a
Edições AUTORES REUNIDOS Ltda.,
terminando a impressão em
novembro de 1960.



LANÇAMENTOS DA AR

ROMANCES DE AGORA

- 1 — *Presença de Anita*, "best-seller" de Mário Donato. Nona edição.
- 2 — *Madrugada sem Deus*, (dois volumes), Mário Donato.
- 3 — *Selva trágica*, de Hernâni Donato.
- 4 — *Café na Cama*, de Marcos Rey. 3ª edição.
- 5 — *Inácio, pastor de nuvens*, de Tito Batiñi.
- 6 — *O apito do trem*, de Arruda Castanho.
- 7 — *Mistérios de São Paulo*, de Afonso Schmidt.
- 8 — *A viúva e o bacharel*, de Italino Peruffo.
- 9 — *Bocainas do Vento Sul*, de Ibiapaba Martins.
- 10 — *Ferradura dá sorte?*, de Marcos Rey.

JUVENTUDE E FUTURO

- 1 — *A Bola de Luz*, de Cid Franco. (Se os bichos governassem o mundo...)
- 2 — *Visitantes do espaço*, de Jeronymo Monteiro

NOSSOS PROBLEMAS

- 1 — *Reforma agrária no Brasil*, de Coutinho Cavalcanti.

HISTÓRIA E CONHECIMENTO

- 1 — *História do Judaísmo Antigo*, de Cyro Moraes Campos.
- 2 — *História do Socialismo no Brasil* (Lutas sociais), de Everardo Dias.

PAINEL BRASIL EM ROMANCE — Peça na sua livraria, no seu crediário ou nesta editôra, informações sôbre esta excelente coleção PAINEL BRASIL EM ROMANCE.

ESTANTE DO ROMANCE PAULISTA — Oito volumes luxuosamente encadernados, onze histórias dos mais renomados autores paulistas.



59025TA FS

5-12-94 32180

134



